



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

DANIELA FERREIRA DE FREITAS

**O PROCESSO DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
dificuldades e enfrentamentos docentes**

CAJAZEIRAS-PB

2017

DANIELA FERREIRA DE FREITAS

**PROCESSO DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
dificuldades e enfrentamentos docentes**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Pedagogia, Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

F866p Freitas, Daniela Ferreira de.
Processo de ensino na educação de jovens e adultos: dificuldades e
enfrentamentos docentes / Daniela Ferreira de Freitas. - Cajazeiras, 2017.
62f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2017.

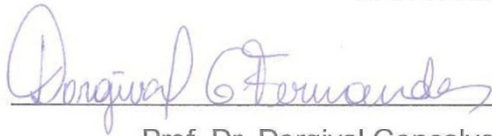
1. Educação de jovens e adultos. 2. Professores da educação de jovens
e adultos - enfrentamentos. 3. Formação docente - educação de jovens e
adultos. I. Fernandes, Dorgival Gonçalves. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

DANIELA FERREIRA DE FREITAS

**O PROCESSO DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
dificuldades e enfrentamentos docentes**

Aprovada em: 05/09/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes - UAE/CFP/UFCG

Orientador



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca - UAE/CFP/UFCG

Examinador



Prof^a. Dr^a. Aparecida Carneiro Pires - UAE/CFP/UFCG

Examinadora

Aos meus pais, irmãos e ao meu noivo, por toda dedicação e esforços empenhados para que eu pudesse realizar o nosso sonho. Dedico principalmente a minha mãe, mulher guerreira, que com muita luta conseguiu formar sua primeira filha, e em uma Universidade Federal!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vitória alcançada. Sem a Sua presença constante em minha vida nada seria possível.

Aos meus pais Damiana e Josimar por todo esforço dedicado a mim para que juntos pudéssemos realizar nosso sonho. Sempre foram presentes em minha vida e durante a árdua caminhada acadêmica me incentivaram e auxiliaram sempre. Obrigada por todo esforço investido em mim, sem o apoio de vocês não teria conseguido.

Aos meus irmãos, Carlos Antônio, Rafaela, Mirela e Alexsandro e aos familiares que me apoiaram e torceram por mim. Vocês fazem parte diretamente dessa minha vitória. Desejo ser sempre um exemplo positivo a ser seguido e que assim como eu consigam alcançar seus objetivos.

Ao meu noivo Unadier por todo apoio e paciência. Obrigado por todas as vezes que me ouviu e aconselhou e pela admiração e amor que sente por mim, assim como por esperar que eu concluísse essa importante etapa da minha vida para que assim possamos juntos trilhar um novo caminho. Te amo!

Ao meu orientador Dorgival Gonçalves Fernandes por todo tempo e dedicação empenhado a mim nessa difícil etapa. O senhor tem o meu respeito e admiração, és um exemplo positivo que quero seguir.

Às minhas amigas, pessoas que me ouviram e ajudaram nessa etapa da minha vida, tanto nos problemas e dificuldades da vida acadêmica, quanto na vida pessoal, que o Senhor conserve nossa amizade e que nosso futuro seja repleto de amor e conquistas. Especialmente “Azamigas” do meu coração: Maria, Mickaelle e Edilma por toda paciência e cuidados que sempre tiveram, além da positividade e energia contagiante transmitida por vocês. À amiga Maria, um agradecimento especial, pois que por diversas vezes nos abrigou na residência e nos deu suporte quando precisávamos ficar na Universidade. Todos os momentos com minhas as amigas foram importantes e especiais. Obrigada!

Às colegas do curso, a turma mais barulhenta, confuseira, amorosa e festeira da UFCG, vocês contribuíram e enriqueceram consideravelmente a minha vida acadêmica. Trago comigo um pouquinho de cada uma, que Deus nos conceda muitas conquistas, pois o percurso até aqui foi difícil.

Aos professores e professoras do Curso de Pedagogia que contribuíram para que eu conseguisse alcançar meus objetivos. Levo ensinamentos de todos vocês, são profissionais dedicados à vida acadêmica e que me mostraram a importância da nossa profissão, graças a vocês digo com orgulho: eu sou pedagoga!

As professoras da EJA que se dispuseram a participar desta pesquisa e foram fundamentais e imprescindíveis para a realização deste trabalho, obrigado pela participação e por disponibilizarem um pouco do tempo de vocês.

Aos colegas do “busão”, principalmente aos que tornaram nossa sofrida jornada de Poço Dantas até Cajazeiras mais leve e divertida, obrigada pelas risadas, apoio e aprendizagens. Também aos motoristas que estiveram conosco durante esse tempo e nos levaram em segurança todas as noites para casa.

Aos meus vizinhos da cidade de Poço Dantas, principalmente a minha amiga Kelly, que me apoiou, cuidou e me deu suporte sempre que precisei. Vocês são pessoas especiais que me acolheram desde o dia que sai da casa dos meus pais e fui morar na cidade, onde conhecia poucas pessoas. Obrigada por tudo!

Aos que disseram que eu não conseguiria ou que a minha escolha foi errada, vocês também contribuíram me dando forças para dizer que eu consegui e me sinto realizada em ser Pedagoga formada pela Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. (FREIRE).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores da EJA no processo ensino-aprendizagem e as estratégias que desenvolvem para superá-las, verificando as condições de trabalho ofertadas pelas instituições escolares onde atuam os professores da Educação de Jovens e Adultos, nos aspectos físico, didático e formativo. A metodologia tem como base a abordagem da pesquisa qualitativa de caráter descritivo a partir de estudo de campo. Os dados foram coletados com 03 professoras, utilizando-se como instrumento entrevistas individuais semiestruturadas. A análise dos dados coletados se deu por meio de técnicas qualitativas da análise de conteúdo. No referencial teórico abordamos questões sobre as dificuldades docentes na EJA a partir de teóricos como Arroyo (2008); Campelo (2010); Di Pierro (2010); Sampaio (2010), Freire (1987), entre outros. Ao longo das análises dos dados percebemos que os professores alfabetizadores da EJA enfrentam muitos e diversos problemas para efetivar o processo de ensino-aprendizagem, mas diante de tais problemas as professoras, a seu modo e de acordo com as suas possibilidades individuais, buscam soluções variadas. A questão da falta de formação docente específica para atuar na EJA é outro problema sério enfrentado pelas professoras, porém os problemas que enfrentam para efetivar o processo de ensino e aprendizagem refletem muito mais no seu trabalho do que a falta de formação continuada para os professores, espaço físico, material didático e dificuldades docentes, pois há uma problemática muito maior que se refere às questões sociais, econômicas e culturais.

Palavras-chave: EJA. Dificuldades docentes. Formação docente. Enfrentamentos Docentes.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the difficulties faced by EJA teachers in the teaching-learning process and the strategies that these professionals develop to overcome them, verifying the work conditions offered by the school institutions where the Youth and Adult Education teachers work, in the aspects physical, didactic and formative. The methodology of this work has as basis the qualitative research approach, of descriptive character, from field study. Data were collected with 03 female teachers, using, as instrument, semi-structured individual interviews. The analysis of the collected data occurred through qualitative techniques of content analysis. In the theoretical reference, we work questions about teaching difficulties in the EJA, from authors such as Arroyo (2008); Campelo (2010); Di Pierro (2010); Sampaio (2010), Freire (1987), among others. During the analysis of the data, we verified that EJA literacy teachers face many and different problems to accomplish the teaching-learning process, but in the face of these problems, teachers, in their own way and according to their individual possibilities, seek varied solutions. The question of the lack of specific teacher training to work in the EJA is another serious problem faced by teachers, but, the problems, that they face to accomplish the teaching and learning process, reflect much more in their work than the lack of continuous training for teachers or the lack of physical space, didactic material and teaching difficulties, because there is a much larger problem that refers to social, economic and cultural issues.

Keywords: EJA. Teaching difficulties. Teacher training. Teaching confrontations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONFITEA	Conferência Internacional de Educação de Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
MEC	Ministério da Educação
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio
UNESCO	Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A ALFABETIZAÇÃO: CONCEITOS E QUESTÕES.....	16
2 PERCURSO METODOLÓGICO	27
2.1 Abordagem da pesquisa e Instrumentos de Coletas de dados	27
2.2 Tratamento de dados.....	29
2.3 Dificuldades para efetivação da pesquisa	30
2.4 Lócus de Pesquisa.....	30
2.5 Caracterização dos sujeitos da pesquisa	31
3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: FORMAÇÃO DOCENTE, DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE SOLUÇÃO	33
3.1 Trabalho docente na EJA: o início e a formação das professoras	34
3.2 A docência na EJA: motivações, condições de trabalho e dificuldades.....	39
3.3 O processo de ensino na EJA: adversidades e dificuldades de soluções	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	60
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	61
APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA AS ENTREVISTAS	62

INTRODUÇÃO

Durante a minha trajetória acadêmica no curso de pedagogia, fui percebendo as diversas dificuldades para se efetivar uma educação de qualidade para todos no Brasil. Essas dificuldades ficam bastante evidentes quando olhamos para os dados estatísticos apresentados por órgãos institucionais, tais como o Censo escolar-INEP. Os inúmeros problemas enfrentados no cenário brasileiro se referem também a questões, tais como: a desvalorização social e econômica do professor, investimentos insuficientes dos governantes em relação às políticas educacionais e a sua implementação, um currículo muitas vezes fora da realidade da maioria dos alunos, evasão e repetência escolar e a fraca apreensão dos conteúdos escolares por parte de muitos alunos que conseguem aprovação e progressão nas séries escolares, entre outros, ocorrendo assim, muitas vezes, o sucateamento das redes públicas de escolarização brasileira. Embora esses problemas ocorram de modo geral em todos os níveis da educação brasileira ou outras modalidades de ensino, tais como a educação especial e a educação profissional, na Educação de Jovens e Adultos - EJA os problemas são colocados de modo muito mais avolumados, como afirmam Arroyo (2008) e Campelo (2010).

Nesta perspectiva, entre os inúmeros problemas enfrentados pela EJA, estão: o número reduzido de teorias e metodologias específicas para essa modalidade de ensino, a insuficiência de recursos financeiros, baixa frequência escolar e elevado índice de evasão, a necessidade de o aluno trabalhar o dia inteiro e frequentar a escola à noite já exausto, as condições socioeconômicas e culturais dos alunos, entre outros problemas citados por autores como Di Pierro (2010) e Sampaio (2010).

Na condição de estudante de Pedagogia, foi possível percebermos que a educação de jovens e adultos enquanto modalidade de educação não é um tema tratado como prioridade e nem profundidade no percurso da formação inicial de professores. Prova disto é que no Curso de Pedagogia do CFP/UFMG, em sua matriz curricular, há uma área de aprofundamento que desde a sua oferta, a partir de 2004, não recebeu nenhuma matrícula de aluno interessado em se aprofundar nos estudos relacionados a essa modalidade. Nesse sentido, na minha trajetória, foi comum ouvir da parte de alunos e professores discursos que de alguma maneira desvalorizavam essa modalidade de ensino em relação à escolarização básica para

crianças e jovens que acabam dificultando o desenvolvimento político e didático-pedagógico da educação de jovens e adultos.

No entanto, entendemos que há muito a se fazer em termos de proposição política, teórica e didática pela EJA, considerando-se o que rezam a Constituição Federal do Brasil (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (1996), o Relatório da UNESCO (DELORS, 1996) para a educação do século XXI que apregoam a necessidade e garantem o direito de todos, independentemente da idade, à educação. Sendo assim, é que justificamos o nosso interesse e necessidade de estudar e compreender, por meio desta pesquisa, como é concretizado o processo de ensino-aprendizagem na EJA, de modo mais específico, as dificuldades vivenciadas pelos professores e o modo como esses enfrentam tais dificuldades na prática docente.

Em tal sentido, fui motivada pelas minhas inquietações em relação aos problemas vivenciados na e pela EJA, bem como pelas ideias e diagnósticos acerca da Educação de Jovens e Adultos elaborados por autores que se dedicaram a pensar a EJA, a exemplo de Paulo Freire, estudados durante o curso de Pedagogia. Esses autores contribuíram para a minha escolha em conhecer melhor essa modalidade de educação, e entendermos como esse processo vem sendo constituído.

Para esta pesquisa elaboramos para direcionar a sua construção a seguinte questão: Quais são as dificuldades enfrentadas pelos professores da EJA no processo de ensino e as estratégias que adotam para superá-las?

Salientamos que esta pesquisa se faz relevante para a sociedade no sentido em que todas as contribuições que transformam ou fortalecem a educação, intervêm diretamente na sociedade, assim também ocorre com os trabalhos e pesquisas relacionados com a Educação de Jovens e Adultos, já que o conhecimento produzido pode propiciar, além de transformação pessoal, um meio de superação social, através da formação contínua e autônoma do sujeito, proporcionando assim mudanças na sociedade.

No tocante à Educação de Jovens e Adultos é importante destacarmos que a referida pesquisa pretende contribuir no sentido de provocar a produção de novos trabalhos referentes ao tema, enfatizando a relevância que a EJA apresenta para os cidadãos que necessitam dessa modalidade de educação, bem como para a sociedade.

Esse trabalho pretende produzir conhecimentos que possam propiciar suporte para melhor entender alguns dos problemas enfrentados pela educação de Jovens e Adultos, bem como enfatizar sobre a relevância que educação de jovens e adultos representou - e ainda representa - ao cenário da educação brasileira, retirando milhões de cidadãos brasileiros do analfabetismo e, por consequência, tornando-os cidadãos mais participantes na sociedade brasileira, que devido a sua condição socioeconômica e cultural acabam sendo excluídos.

Desta forma, procuramos através dessa pesquisa conhecer e produzir conhecimentos sobre esse tema, em busca de me tornar uma profissional mais qualificada em relação às dificuldades teóricas e práticas enfrentadas na e pela EJA.

Também evidencio uma motivação pessoal devido a minha origem social, por estar inserida em um contexto de desigualdades sociais que impossibilitaram muitas pessoas do meu seio familiar e de minha estima, a oportunidade de serem alfabetizados, de adquirir conhecimentos e melhor intervir em seu meio social. Desejo compreender esse processo de ensino-aprendizagem para contribuir com essa realidade.

A pesquisa busca cumprir os seguintes objetivos:

Objeto geral:

Analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores da EJA no processo de ensino e as estratégias que desenvolvem para superá-las.

Objetivos específicos:

- Identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores no processo ensino-aprendizagem na EJA;
- Verificar se as instituições de ensino de EJA oferecem suporte físico, didático e formativo para os professores realizarem o seu trabalho;
- Identificar os modos como os professores da EJA lidam com as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem.

Este trabalho está organizado em capítulos para melhor compreendermos a sua estrutura, o processo de construção do objeto de estudo referente às dificuldades e estratégias apresentadas pelas professoras da Educação de Jovens e Adultos diante dos problemas docentes no processo ensino-aprendizagem. Desse modo tem a seguinte estruturação: Introdução; Referencial Teórico; Percurso Metodológico; Análise de dados e Considerações finais.

No primeiro capítulo serão apresentadas as dificuldades enfrentadas pela Educação de Jovens e Adultos para ser efetivada, a partir de teóricos como Arroyo (2008); Campelo (2010); Di Pierro (2010); Sampaio (2010), entre outros, bem como apresentar aspectos relevantes para melhorar um funcionamento da EJA como, formação inicial e continuada dos professores, a visão da educação como um direito de todos os cidadãos, também serão pontuadas as dificuldades docentes no processo ensino-aprendizagem como baixa frequência escolar e elevado índice de evasão, poucas teorias e metodologias específicas referentes à Educação de Jovens e Adultos, baixa autoestima dos alunos e a heterogeneidade do público jovem e adulto da EJA.

O segundo capítulo descreve o percurso metodológico adotado para a realização desta pesquisa. O capítulo está organizado nos seguintes tópicos: Identificação da pesquisa; Instrumentos de Coletas de dados; Tratamento de dados; Dificuldades para efetivação da pesquisa; Locus de Pesquisa e Caracterização dos sujeitos da pesquisa.

No terceiro capítulo são apresentados os dados coletados durante as entrevistas com as professoras que atuam na Educação de Jovens e Adultos e as nossas análises feitas a fim de entendermos as dificuldades docentes e as formas que as professoras utilizam na busca por tentar solucionar ou amenizar essas dificuldades. Este capítulo encontra-se organizado com os seguintes tópicos: Trabalho docente na EJA: o início e a formação das professoras; A docência na EJA: Motivações, condições de trabalho e dificuldades e O processo de ensino na EJA: adversidades e dificuldades de soluções.

As considerações finais apresentam os resultados desta pesquisa, enfatizando problemáticas e soluções apresentadas pelas professoras entrevistadas.

1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A ALFABETIZAÇÃO: CONCEITOS E QUESTÕES

A educação é uma ferramenta primordial para a qualidade de vida dos cidadãos, pois a partir dela os indivíduos podem se tornar capazes de pensar, refletir, interagir e intervir politicamente em seu meio social, colaborando na efetivação de mudanças sociais. Nesta perspectiva, é relevante que a educação seja compreendida como libertadora, de acordo com a concepção de Paulo Freire (1987) na qual a educação é vista como uma forma de libertar o homem oprimido tornando-o livre da opressão política, econômica e cultural, favorecendo assim igualdade social para todos.

Porém, atualmente na sociedade brasileira ainda são muitos os cidadãos privados do direito à educação e autonomia de pensamento que possam contribuir para o seu reconhecimento como cidadão de direito. Desse modo, vivenciamos uma realidade cruel na qual cidadãos são privados de seus direitos básicos, a exemplo da educação, seres oprimidos que são tratados com desigualdade, embora a Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu Art. 205, assegure o seguinte:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

É relevante destacar que a lei em questão trata a educação como um direito de todos, assim já abrange a Educação de Jovens e Adultos. Vale ressaltar também que o sentido de educação destacado pela lei visa o “Pleno desenvolvimento da pessoa”, no sentido de preparar o cidadão nos aspectos social, político, educacional e cultural, assim como o “seu preparo para o exercício da cidadania”, ou seja, para interagir e intervir em seu meio social, e a sua “qualificação para o trabalho”, no sentido de preparar o cidadão para o mundo do trabalho. Esses trechos destacados são de muita relevância no trabalho com a EJA, já que em síntese mostram o caminho para uma educação de qualidade.

Embora seja um direito instituído pela lei máxima do nosso país que visa o pleno desenvolvimento social do cidadão, a educação brasileira é, de modo acentuado, excludente e reprodutora dos interesses das classes dominantes e,

consequentemente, da desigualdade social. Apesar dessa situação, a educação pode vir a ser um dos meios de transformação social, já que através dela os indivíduos podem conhecer a sua realidade social injusta e assim lutar para fazer valer os seus direitos. Este é o sentido de educação defendida por Freire (2011, p.96) ao afirmar: “A educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento”. Deste modo, para que ocorra de fato uma mudança em relação as desigualdades sociais, concordo com o que nos diz Genevois (2008, p.81): “é preciso que o povo conheça seus direitos e deveres, é preciso educação”.

No âmbito da Educação de Jovens e Adultos - EJA, o processo de privação de direitos básicos encontrado na educação brasileira se repete, porém com um acréscimo, pois trata-se de um público ainda mais excluído, na maioria das vezes são indivíduos de origem pobre que não frequentaram a escola na infância ou que são pouco escolarizados e, ainda que precariamente, estão inseridos no mercado de trabalho, ocupando cargos de subempregos. De acordo com Arroyo (2008, p. 221):

A educação de Jovens e Adultos-EJA tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzaram e se cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos.

Sendo assim, a maioria dos jovens e adultos chega à escola sem ao menos ter tido a oportunidade de serem escolarizados. Muitos, humilhados e oprimidos, buscam nas instituições escolares a chance de serem alfabetizados e com esperanças de mudança na sua realidade, uma forma de superação. Acredito que um dos passos para que esses cidadãos se tornem participantes efetivamente da sociedade que fazem parte, é a escolarização. De acordo com Corrêa (2014, p.4): “Escolarização é educação, mas esta não pode ser reduzida àquela”. Escolarizar-se pode ser um dos primeiros passos, mas não é o único, a educação significa mais que aprender noções e conceitos, ela é mais abrangente e complexa, representa a formação integral do sujeito.

A Educação de Jovens e Adultos não deve se limitar apenas à alfabetização, se restringindo há alguns meses na sala de aula, em programas e campanhas de

alfabetização que pretendem em um curto período de tempo ensinar a ler e a escrever, visando apenas à alfabetização inicial, na qual a educação de qualidade não é efetivada em toda sua complexidade. É necessário que haja continuidade nos estudos, bem como ensino de qualidade que visa a educação contínua desses sujeitos objetivando novas oportunidades, sejam de profissionalização ou de conhecimentos que os tornem capazes de refletir e intervir politicamente em seu meio social, pois somente a alfabetização inicial não dá o suporte necessário aos alunos que ingressam na EJA para tentar superar as desigualdades sociais que estão sujeitos, embora aprender a ler e escrever seja para esses cidadãos um passo muito importante, não é o suficiente para que sejam capazes de proporcionar mudanças efetivas em sua realidade. Compartilho do pensamento de Di Pierro de que:

[...] não basta promover apenas a alfabetização inicial. A maioria dos educandos concorda que a alfabetização de qualidade requer mais tempo que aquele proporcionado pelas campanhas para jovens e adultos, e que a consolidação da alfabetização requer a continuidade de estudo em níveis mais elevados, entre outras oportunidades de utilização das habilidades recém-adquiridas na vida cotidiana. (DI PIERRO, 2008, p. 22).

A educação de Jovens e Adultos também é, segundo Sampaio (2010), tratada pelas escolas e programas sociais da EJA na perspectiva de educação compensatória, onde a educação é vista como uma forma de compensar o sujeito que não foi alfabetizado na infância, que por vezes é confundida como um favor. Cury (2000) apud Sampaio (2010, p.110) faz uma crítica a esse tipo de oferta de educação para jovens e adultos ao afirmar que “perdura em muitos documentos oficiais que parecem tratar EJA como um favor e não como um pagamento de uma dívida social e a institucionalização de um direito”.

Para que ocorra uma melhor compreensão sobre essa questão, entendemos que haja a necessidade de apresentar uma conceituação sobre a Educação de Jovens e Adultos. Embora não tenhamos encontrado uma formulação de pensamento que abranja a amplitude dessa modalidade de ensino, pois há uma imensidade de conceituações, por vários autores, o que mais se aproxima dessa ideia de propiciar oportunidades e utilização das habilidades dos educandos advindos da EJA, bem como formação integral do sujeito, independentemente de

sua idade, é a ideia apresentada pela Conferência Internacional sobre Educação de Adultos - Confitea (1997), na qual compartilho do pensamento quando se refere a EJA como:

A educação de adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, ao longo da vida, onde pessoas consideradas 'adultas' pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e de sua sociedade. A Educação de Adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos.

A Confitea - Conferência Internacional de Educação de Adultos, promovida pela UNESCO - Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas tem sido um importante ato em favor da educação de jovens e adultos já que configurou debates e discussões relevantes sobre a EJA, principalmente a V Confitea realizada em Hamburgo no ano de 1997, onde se declarou que "A educação de adultos, dentro desse contexto, torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade".

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil enfrentou e ainda enfrenta muitas dificuldades, pois não é suficientemente discutida e trabalhada, não ocupando espaço necessário nas instituições que formam os profissionais da educação, na agenda dos governantes, nas escolas e até mesmo pelos educadores que são a peça mais importante no que diz respeito à prática educativa.

A Educação de Jovens e Adultos, enquanto modalidade de educação, se apresenta em documentos oficiais, como o Parecer 11/2000 e a Resolução 01/2000 do Conselho Nacional de Educação como emancipatória e permanente, embora esteja imbricada socialmente, mais fortemente como educação reparadora, pois alguns profissionais da educação e indivíduos sociais enxergam a EJA como sendo um meio para reparar as desvantagens que os cidadãos tiveram, devido suas condições socioeconômicas e culturais, uma forma de recompensar esses jovens e adultos pela exclusão social e pelos direitos negados a esses cidadãos brasileiros.

É na perspectiva de contribuir na superação no que diz respeito às dificuldades que a EJA apresenta, enquanto práticas educativas no ensino,

metodologias e discursos que visam apenas recompensar o sujeito, sem preocupar-se com a formação contínua e a autonomia do indivíduo, que enxergamos a necessidade de pesquisar e colaborar para uma educação realmente coerente para esse público, por considerarmos a educação de jovens e adultos um campo ainda muito fértil para reflexões e contribuições teóricas, principalmente no que diz respeito ao desempenho cotidiano, dentro das salas de aulas.

Se olharmos para os índices de jovens e adultos analfabetos, semianalfabetos ou analfabetos funcionais ainda existentes no país, percebemos que ainda há muito a se fazer em relação à educação de Jovens e Adultos, mesmo que o número de analfabetos no país tenha diminuído, chegando, segundo o Mec, à 8,7% em 2012, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), esse ainda é um número alto, sem falar da qualidade do ensino que necessita ser melhorada, portanto esse também deve ser um assunto discutido no meio acadêmico, pelas secretarias de educação, instituições escolares e nas salas de aulas.

Para que essa realidade possa ser transformada é necessário uma série de fatores políticos, teóricos e didáticos, porém ressaltamos a relevância de educadores, futuros professores e profissionais da educação tomarem conhecimento dos problemas enfrentados no cotidiano da Educação de Jovens e Adultos, bem como de suas especificidades, assim como, cuidar da formação específica e efetiva para que esses problemas possam ser enfrentados. A universidade também pode contribuir para que isso ocorra, disseminando e proporcionando leituras, pesquisas e debates onde se possa refletir e agir em função da EJA, enfatizando que esse é efetivamente um direito legal. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96, a EJA se apresenta como modalidade de ensino. A Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade de ensino traz concepções específicas do seu público e por esse motivo se fazem necessários esses debates e discussões sobre a EJA. No dizer de Oliveira (1999, apud PASSOS, 2008, p.167)

Discutir a educação de pessoas jovens e adultas significa falar de práticas e vivências de um público muito particular e com características específicas: São homens e mulheres que foram excluídos do sistema escolar, possuindo, portanto, pouca ou nenhuma escolarização, sujeitos que possuem certas especificidades socioculturais, como expressões de suas origens grupos populares, sujeitos que já estão inseridos no mundo do trabalho, normalmente

ocupando funções não qualificadas, e sujeitos que se encontram em uma etapa de vida diferente da infância.

Há também que salientarmos que o público da EJA é em sua maioria - principalmente os que ainda não foram alfabetizados - indivíduos com baixa autoestima, advindos de uma vida dura, escanteados pela sociedade a quem são negados outros direitos básicos, além da educação. Neste sentido:

Os alfabetizando jovens e Adultos são, são talvez, o público mais sacrificado da Eja. São jovens ou adultos que não têm o nível mais elementar de escolarização, o que os obriga a ocuparem, no mundo do trabalho-quando conseguem se inserir- as funções que exigem deles um grande esforço físico, quando não, também mental. (CAMPELO, 2010, p.65).

Desta forma, esses alunos já chegam à sala de aula exaustos pela dura labuta do cotidiano de trabalho, tornando ainda mais difícil o processo de ensino-aprendizagem. Esses educandos necessitam de muito mais que alfabetização, se faz necessário um trabalho que visa à formação integral do sujeito, aprender a ler e escrever é muito importante para esses jovens e adultos, mas eles precisam ser empoderados e isso pode acontecer se a EJA se apresentar para esses alunos como uma educação libertadora assim como apregoa o educador Paulo Freire, no sentido de torna-se um novo homem a partir do conhecimento adquirido e essa não é uma função fácil, mas necessária. Como salienta Freire (1987 p. 30): “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”.

Entre os vários problemas que a EJA enfrenta na atualidade para ser efetivada como uma educação de qualidade destacamos a formação e o trabalho docente, que infelizmente configura-se como um problema real na prática educativa.

A formação inicial e continuada dos professores que trabalham com Educação de Jovens e Adultos, vem se constituindo como um dos problemas enfrentados pela EJA. Isso ocorre em parte pela formação docente na EJA não aparecer como relevante, já que o professor pode adaptar conteúdos, teorias e metodologias para Educação de Jovens e Adultos. Sobre essa questão, nos diz Sampaio (2010, p.117):

Revendo a história da EJA no Brasil é possível notar que a formação de professores não aparece como um aspecto importante, ou seja, ao perceber o que não existe, percebo o que existe: a consideração da Eja como modalidade menor, como apêndice do ensino regular, como uma modalidade para qual tudo serve, basta fazer algumas adaptações, e que, portanto, não tem necessidade de qualificar, preparar e formar continuamente profissionais para se dedicarem a ela.

Diante disto, também se faz relevante destacarmos que por muito tempo na história da EJA, o trabalho com jovens e adultos foi encarado como trabalho voluntário. Fávero (2004, p.27, apud SAMPAIO, 2010, p.117) discorre que: “Um capítulo dramático refere-se ao pessoal docente. Campanha após campanha repõe-se o ‘voluntarismo’: pessoal mal preparado e mal pago, insuficientemente assessorado”. A EJA estava à margem da educação brasileira, assim sendo, a alfabetização era vista como uma forma de compensação para esses cidadãos que não tiveram chance de escolarizar-se, devido suas condições socioeconômicas e culturais. Assim, o trabalho docente nessa modalidade de ensino era constituído na maioria das vezes por líderes religiosos, líderes comunitários e quem, por algum motivo, se dispusesse a escolarizar.

A formação inicial é fundamental para a qualidade do trabalho docente, no que se refere à Educação de Jovens e Adultos pode-se ressaltar que é importante compreendermos essa modalidade de ensino, pois as teorias e metodologias para atuar na EJA devem ser diferenciadas das que são utilizadas na educação infantil, desta forma não é interessante apenas adequar teorias e metodologias infantis ao público de Jovens e adultos.

Sabemos que o adulto não pode ser tratado da mesma forma que a criança, uma vez que ele traz consigo uma carga de conhecimento e concepções, fruto de vivências que a criança ainda não tem. Por essa razão, ele sabe perfeitamente por que está na escola, enquanto algumas crianças nem sempre têm essa consciência. (CAMPELO, 2010, p.70).

No que diz respeito à formação continuada dos profissionais que atuam na EJA, são grandes os desafios para que ela seja concretizada, mas essa é uma ferramenta necessária para que a educação nessa modalidade de ensino seja efetivada com qualidade, já que muitos profissionais acabam não entrando em

contato de forma expressiva com os conteúdos, teorias e metodologias da EJA em sua formação inicial.

Para que isso ocorra é necessário que os docentes se reconheçam em constante formação, como seres inacabados. Albino e Andrade (2010, p.12) discorrem sobre a importância de nos reconhecermos inacabados e discorrem que:

[...] Centramo-nos no contexto profissional, mais especificamente, no âmbito do fazer docente e evidenciamos a condição de inacabamento do professor dada a natureza de sua atuação, marcada pela amplitude inerente ao conhecimento com o qual precisa lidar e pelas interações que estabelece diante da ação formativa de outros homens

No âmbito da Educação de Jovens e Adultos a formação continuada representa uma forma de se constituir enquanto profissionais da EJA, assumindo o papel de seres inacabados em processo de formação continua.

A formação continuada assume, assim, para esses *professores*, um espaço relevante na constituição da docência na Educação de Jovens e Adultos. Pode-se inferir que essa relevância atribuída à formação continuada constitui-se na tensão entre formas precarizadas de formação, o que se configurou para a maioria pela formação superior (...). (LAFFIN, 2012, p. 9).

Diante do exposto foi possível percebermos a relevância da formação inicial e continuada dos docentes para a Educação de Jovens e Adultos, bem como compreendermos que a falta de apoio à formação continuada implica em dificuldades para os docentes que atuam na EJA. Conforme afirma Sampaio (2010, p.107):

As ações pontuais e, porque não dizer, marginais, no sentido de estar à margem dos sistemas educacionais oficiais por muito tempo, que marcam a trajetória da EJA marcam também a formação inicial e continuada de profissionais para atuarem diretamente nessa área.

É perceptível que dependendo de onde está sendo ofertada a EJA, há diferentes formas de tratar a formação profissional, caso que atrapalha os profissionais que atuam nessa modalidade de ensino e se profissionalizaram para lecionar na EJA. Soares (2008, p.14) salienta que:

As concepções de EJA variam dependendo do lugar em que ela é oferecida. Enquanto há lugares que se baseiam na idéia de que 'qualquer pessoa pode ensinar para jovens e adultos', há outros que enxergam a habilitação como um requisito essencial e outros, ainda, que concebem que a formação inicial, apesar de seu valor, não é o preponderante para o trabalho.

Outro aspecto relevante a se destacar em relação à EJA é o trabalho docente, este enfrenta vários desafios e dificuldades para ser efetivado devido a tensa história dessa modalidade de ensino no Brasil, incluindo as dificuldades já mencionadas neste trabalho referente à formação inicial e continuada, ao público da EJA que em sua maioria é formado por trabalhadores com pouca ou nenhuma escolarização, baixa frequência escolar e elevado índice de evasão, poucas teorias e metodologias específicas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos, entre outras dificuldades enfrentadas pelos professores no cotidiano da prática educativa.

Os educadores que atuam na EJA precisam estar cientes que o trabalho nesta modalidade de ensino exige esforço, pois lidam com um alunado muito heterogêneo. Como salienta Vargas (2008, p.181): "nas turmas de EJA há jovens, jovens adultos e, em alguns lugares, idosos. O adulto deve aprender como adulto, por isso temos que ter cuidado com materiais didáticos". Desse modo, o professor deve ter interesse, valorização e respeito pela aprendizagem de cada faixa etária.

Essa heterogeneidade apresentada pelos alunos da EJA coloca para os educadores que pretendem ministrar uma aula de qualidade um esforço a mais do que os enfrentados por educadores da educação infantil, por exemplo. Sampaio (2010, p.128) discorre que:

Trabalhar com as diferenças presentes no universo da EJA é também tentar conhecer o melhor possível quem são os estudantes e como aprendem, e preparar-se para a incerteza, estar atenta e ligar-se aos acontecimentos, ao que trazem os estudantes, para neles, e a partir deles, interferir. Dessa forma, penso que a sala de aula pode e deve ser espaço constante de aprendizagem para alunos e alunas e professoras.

Outro problema enfrentado pelos educadores no cotidiano da prática educativa é o número reduzido de teorias e metodologias específicas para essa modalidade de ensino, sendo assim, os professores acabam por diversas vezes adaptando teorias e metodologias da educação infantil para a Educação de Jovens e Adultos. Barbosa Junior (2010) entende que para os professores que são habituados

a trabalhar na educação infantil torna-se um desafio ensinar ao público de adultos que necessitam de outras metodologias e habilidades.

A EJA também enfrenta dificuldades no que diz respeito a baixa frequência escolar e o elevado índice de evasão. Essas dificuldades interferem no cotidiano escolar e no trabalho docente, pois a inconstância da frequência dos alunos e a evasão escolar tornam-se um desafio a ser superado no dia-a-dia das turmas de EJA.

Para a efetivação de uma educação de qualidade é necessária a sistematização dos conteúdos, pois um dos motivos para que ocorram esses problemas está ligado, em parte, pela visão diferenciada que os alunos têm da educação. Segundo Carlos e Barreto (2008, p.67): “A disparidade entre a visão que o aluno tem do que seja a escola e uma educação que efetivamente sirva a esse aluno pode gerar conflito. Não são incomuns casos até de desistência do curso”. Há também problemas relacionado ao trabalho duro do dia-a-dia que acaba dificultando a aprendizagem e afastando o aluno da escola. Campelo (2010, p.66) afirma que

A necessidade de trabalho, que anos anteriores pode ter sido o grande motivo para que o aluno fosse excluído da instituição educacional, configura-se para esses estudantes, contraditoriamente, como ‘incentivo’ para votarem à escola, mas que também pode impedi-los de, ali continuarem.

Outro aspecto que devemos considerar para a atuação na EJA é a baixa autoestima dos alunos, pois na maioria das vezes são alunos advindos de uma realidade opressora, cidadãos que foram humilhados e por isso não acreditam na sua superação, desta forma, o professor pode intervir trabalhando a confiança e o respeito. Concordo com Pinheiro (2010, p.92) quando afirma que: “Como educadores/professores da EJA, no processo de construção de relações, precisamos considerar a importância de construir relações de confiança e buscar reconhecer as potencialidades através do respeito as diferenças”.

Há ainda que salientarmos a desvalorização do professor que atua nesta modalidade de ensino, pois apesar das inúmeras dificuldades que enfrentam na sala de aula, ainda possuem um salário baixo e menos suporte pedagógico para efetivar seu trabalho, além da desvalorização social, pois na maioria das vezes o educador da EJA não é reconhecido em seu ambiente de trabalho ou pela sociedade.

Diante do exposto, pudemos, teoricamente, entender um pouco sobre as dificuldades enfrentadas pela Educação de Jovens e Adultos para ser efetivada, assim como a sua história, que traz a marca de um povo batalhador, lutador que busca através da educação uma forma de superação. Seja a partir da educação ofertada pelo ensino regular ou pelos projetos e/ou programas sociais, na perspectiva de uma educação libertadora.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Abordagem da pesquisa e Instrumentos de Coletas de dados

Esse estudo tem como base a abordagem da pesquisa qualitativa. Sobre tal abordagem, Gonsalves (2001, p. 68) afirma que: “A pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas”. Essa abordagem tem por objetivo a compreensão do objeto de estudo, considerando as relações sociais impressas na pesquisa, traduzindo os resultados a partir de conceitos e ideias.

A pesquisa qualitativa busca os resultados a partir de elementos como a fala, observações, desenhos, entre outros, como forma de acessar o objeto de estudo, através das opiniões expressas durante o processo da pesquisa. Sendo assim, preocupa-se de forma efetiva com o significado que é apresentado pelos sujeitos sobre o tema pesquisado.

Para alcançarmos os objetivos propostos nesse trabalho essa pesquisa se caracteriza como um estudo de caráter descritivo. Segundo Gil (2002, p.28) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Procura-se assim descrever o objeto de análise do estudo, para uma melhor compreensão do contexto, proporcionando novos conhecimentos. Esse tipo de estudo está focado em descrever as características, mas também se preocupa com a relação entre as variáveis do estudo. Em relação a esse tipo de estudo, Gonsalves (2001, p. 65) salienta que:

A pesquisa descritiva objetiva escrever as características de um objeto de estudo. Dentre esse tipo de pesquisa estão as que atualizam as características de um grupo social, nível de atendimento do sistema educacional, como também aquelas que pretendem descobrir a existência de relação entre variáveis. Nesse caso, a pesquisa não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno, preocupa-se em apresentar suas características.

Com o intuito de interagir com os sujeitos da pesquisa e com o espaço que estes sujeitos estão inseridos, realizamos o estudo de campo como base para coleta dos dados. O estudo de campo compreende o estudo direto entre o pesquisador e o

pesquisado. “[...] é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre- ou ocorreu- é reunir um conjunto de informações a serem documentadas”. (GONSALVES, 2001, p. 67). O estudo de campo é uma importante ferramenta na busca de informações, pois trata dessa busca diretamente da fonte que é o sujeito pesquisado em seu ambiente ou grupo social.

No caso deste trabalho o estudo de campo também se apresenta como uma forma de interrogação, ou seja, interrogar no sentido de investigar os sujeitos pesquisados em relação às dificuldades e enfrentamentos docentes enquanto profissionais que atuam na EJA. Assim sendo, como evidencia Gil (2008, p.53):

O estudo de campo constitui o modelo clássico de investigação no campo da Antropologia, onde se originou. Nos dias atuais, no entanto, sua utilização se dá em muitos outros domínios, como no da Sociologia, da Educação, da Saúde Pública e da Administração.

Por esse trabalho apresentar natureza empírica, procuramos elementos da realidade dos professores da educação de Jovens e Adultos que atuam na rede pública de ensino, na cidade de Cajazeiras, foram escolhidos 04 (quatro) professores para efetivação desta pesquisa. O primeiro passo se constituiu pelo contato e convite aos professores para participarem da pesquisa.

Como procedimento exigido pelo conselho de ética foi utilizado o TCLE- Termo de consentimento livre e esclarecido com os professores que participam da referida pesquisa. O TCLE é um documento que explica ao sujeito pesquisado o que será abordado durante a pesquisa. Segundo Souza et al. (2013, p. 201): “Para garantir sua participação voluntária, o sujeito de pesquisa não deverá ser pressionado ou coagido. Através do TCLE e de sua assinatura, o sujeito de pesquisa reconhece que ele entende e aceita todos os aspectos do estudo”.

Nesta pesquisa, como instrumento de coleta de dados utilizamos a entrevista, de modo específico na modalidade semiestruturada. Deste modo, primeiramente elaboramos um roteiro de questões a serem respondidas pelos professores entrevistados para que assim, possa ocorrer um contato intencional e direto entre entrevistados e entrevistador, buscando dados que permitam alcançar os objetivos propostos nesse trabalho. “A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes

busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. (GIL, 2008, p.109).

Assim sendo a entrevista semiestruturada se fez relevante para esse estudo por se tratar de uma pesquisa que busca flexibilização na sequência e na construção de perguntas e respostas dos entrevistados acerca das perguntas propostas. Compartilho do pensamento de Fernandes (2013, p. 113) sobre a flexibilidade que tal instrumento proporciona. Este diz:

Calcada numa flexibilidade construída em torno de perguntas suscitadas a partir do próprio discurso dos entrevistados sobre temas por eles colocados, essas modalidades de entrevistas permitem dar vazão ao pensamento e à voz destes [...].

2.2 Tratamento de dados

Os dados adquiridos pelas entrevistas aplicadas individualmente, através de questões abertas, foram analisados a partir das técnicas qualitativas e nestas, a análise de conteúdo. Nesse processo, os dados coletados foram organizados de acordo com o método qualitativo com base no referencial teórico apresentado neste trabalho. Para Gil (2002, p.133) “A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”.

A análise de conteúdo se apresenta como instrumento para interpretar os dados coletados. Bardin (1979, apud FERNANDES, 2013, p.122) apresenta a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Desta forma a partir da análise dos dados coletados durante a pesquisa buscou-se a compreensão da fala dos entrevistados. A análise de conteúdo é, de acordo com BARDIN (apud FERNANDES, 2013, p.121) “[...] um dos métodos apropriados para o estudo de motivações, opiniões, crenças e atitudes [...]”. Desta forma buscou-se no decorrer deste trabalho relacionar as teorias apresentadas no

referencial teórico deste trabalho e a fala apresentada pelos participantes da referida pesquisa.

2.3 Dificuldades para efetivação da pesquisa

Esta pesquisa seria realizada na Cidade de Poço Dantas-PB, porém quando procuramos a secretária de Educação do referido município, esta nos informou que havia apenas uma escola municipal na cidade que ofertava a EJA, mas que a direção da escola lhe havia informado que nesse ano de 2017 não abriu turma da EJA, pois não houve matrículas suficientes. Diante dessa impossibilidade, foi escolhida a cidade de Cajazeiras como lócus para que a pesquisa fosse efetivada.

Inicialmente a amostra construída para esta pesquisa seria formada por 04 professores (as), mas devido às dificuldades encontradas durante a coleta de dados, a entrevista foi realizada com 03 professoras. Desde o início da busca por professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos na cidade de Cajazeiras-PB para participarem desta pesquisa, foram encontradas dificuldades, no sentido de localizar escolas que ofertassem essa modalidade de educação e, posteriormente, encontrar profissionais que aceitassem participar das entrevistas, também houve os professores que não aceitaram participar e os que aceitaram, mas que depois desistiram, usando a justificativa de não ter tempo para responder à entrevista. A responsável pelo setor da Educação de Jovens e Adultos da 9ª gerência de ensino da Rede Estadual de Ensino foi procurada, a mesma forneceu dois nomes de escolas que ofertam essa modalidade de ensino. Posteriormente visitamos as escolas e convidamos 03 professoras alfabetizadoras e essas aceitaram o convite.

2.4 Lócus de Pesquisa

Para melhor compreensão deste trabalho se faz relevante a caracterização do contexto onde a pesquisa foi efetivada. As escolas escolhidas para efetivação da referida pesquisa são públicas e fazem parte da rede estadual de ensino, estão localizadas na Cidade de Cajazeiras-PB. As escolas serão tratadas por escola X e Y, a fim de cumprir o anonimato acordado entre a pesquisadora e pesquisadas, conforme o TCLE.

A escola X trabalha com o Ensino Fundamental - Anos iniciais e Educação de Jovens e Adultos - Supletivo, está localizada na zona Urbana, no centro da cidade de Cajazeiras-PB. A escola é composta por 05 salas de aula, 45 funcionários, sala de diretoria, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha, biblioteca, banheiro dentro do prédio, sala de secretaria, despensa, almoxarifado, pátio coberto, pátio descoberto e área verde. Com o intuito de melhorar a prática docente disponibiliza equipamento como: Computadores para o setor administrativo, computadores para alunos, TV, videocassete, DVD, copiadora, retroprojeto, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (datashow) e câmera fotográfica/filmadora.

A escola Y oferta o Ensino Fundamental - Anos iniciais e Anos finais e Educação de Jovens e Adultos - Supletivo, está localizada na zona Urbana, no centro da cidade de Cajazeiras-PB. A escola é composta por 13 salas de aula, 100 funcionários, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta, cozinha, biblioteca, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, despensa, almoxarifado, pátio coberto e área verde. Com o intuito de melhorar a prática docente disponibiliza equipamentos como: Computadores para o setor administrativo, computadores para alunos, TV, videocassete, DVD, copiadora, retroprojeto, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (datashow), fax e câmera fotográfica/filmadora, que são usados pelos alunos e os professores da EJA.

2.5 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

No decorrer da análise de dados deste trabalho as professoras serão nomeadas como Maria de Fátima, Maria Rosa e Maria Josefa. A escolha desses nomes representam as mulheres guerreiras do sertão Nordestino, expressado em bela poesia escrita por Noélia Nobre, cujo refrão diz o seguinte “Quem nunca ouviu falar das Marias do Nordeste da raça, sangue e calor amor e muito sabor..” São mulheres que enfrentam as dificuldades e problemas advindos da pobreza material, do machismo, e que se fazem presentes na educação brasileira, especificamente na

Educação de Jovens e Adultos, diariamente, e em suas lutas, está a busca pela efetivação de uma educação de qualidade.

As professoras atuam na Educação de Jovens e Adultos na cidade de Cajazeiras-PB. A professora Maria de Fátima atua na EJA desde o ano de 1994, tem Licenciatura em Geografia e possui o curso pedagógico de nível médio. A professora Maria Josefa também leciona na EJA desde o ano de 1994, é graduada em Pedagogia, possui o curso pedagógico de nível médio e tem especialização em psicopedagogia. A professora Maria Rosa iniciou o trabalho com turma da EJA a apenas quarenta e cinco dias, é graduada em Pedagogia e tem especialização em psicopedagogia.

3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: FORMAÇÃO DOCENTE, DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE SOLUÇÃO

Neste capítulo serão analisadas as falas das professoras, coletadas através de entrevistas, com o objetivo de identificar as motivações, dificuldades e a busca de soluções por parte das professoras para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem na alfabetização de Jovens e Adultos.

Para compreendermos as dificuldades enfrentadas pelos professores em sua prática educativa na Educação de Jovens e Adultos e as possíveis soluções encontradas para sanar ou minimizar essas dificuldades, buscou-se coletar informações por meio de entrevistas cedidas por professoras que atuam na EJA. Assim, os dados coletados foram analisados tomando-se como base a análise de conteúdo, na vertente desenvolvida por Bardin (1979).

As professoras participantes desta pesquisa aceitaram o convite para participar das entrevistas de forma voluntária, visando à produção de conhecimentos em relação à Educação de Jovens e Adultos. Seus nomes verdadeiros e as instituições a qual fazem parte serão mantidos em sigilo, a fim de cumprir o anonimato e a participação voluntária acordado entre pesquisador e pesquisado, conforme TCLE. Deste modo, no decorrer deste capítulo de análises, as professoras serão nomeadas como Maria de Fátima, Maria Rosa e Maria Josefa como já relatado no capítulo referente à metodologia deste trabalho.

Foram convidadas a participar desta pesquisa 05 professoras que atuam na EJA, destas, uma não aceitou participar e outra aceitou, mas desistiu. As professoras que participaram da referida pesquisa apresentam algumas características comuns, sendo em sua totalidade do sexo feminino, trabalham no ensino fundamental I e estão atuando na rede Estadual de ensino da cidade de Cajazeiras, Paraíba. Duas professoras fazem parte da mesma instituição e a terceira faz parte de outra instituição.

A fala das professoras e as nossas análises, neste capítulo, encontram-se organizadas a partir dos seguintes tópicos: 1. Trabalho docente na EJA: o início e a formação das professoras; 2. A Docência na EJA: Motivações, condições de trabalho e dificuldades; 3. O Processo de ensino na EJA: adversidades e dificuldades de soluções.

3.1 Trabalho docente na EJA: o início e a formação das professoras

Iniciamos a entrevista perguntando quando e como foi o começo de cada uma como professora da Educação de Jovens e Adultos. A partir das leituras dos dados fornecidos pelas professoras em entrevista, foi possível identificar logo de início que as professoras **Maria de Fátima** e **Maria Josefa** fazem pequenas pausas para responder quando foi o começo como professoras da Educação de Jovens e Adultos, procurando algo que as fizessem lembrar exatamente quando e encontram fatos que marcaram suas vidas no ano que começaram.

A professora **Maria de Fátima** lembra que passou no concurso no ano de 1994 e já foi nomeada para a escola que está até hoje. A **professora Maria Josefa** lembra que a sua primeira experiência foi com Jovens e Adultos, no sítio que morava em 1994, assim as duas professoras possuem o mesmo tempo de dedicação à Educação de Jovens e Adultos, apresentam, portanto, vinte e quatro anos de profissão cada uma. A professora **Maria Rosa** começou a trabalhar nessa modalidade de ensino há quarenta e cinco dias, mas pontua que já estagiou na EJA na escola que trabalha hoje, querendo demonstrar que mesmo com pouco tempo atuando profissionalmente na EJA, já teve outra experiência. Desta forma teremos duas professoras que trabalham na Educação de Jovens e Adultos há mais de duas décadas e uma professora que trabalha há apenas quase dois meses.

Quando perguntadas como foi o começo como professora da Educação de Jovens e Adultos, as repostas coincidem no sentido de que a nenhuma das professoras foi exigido ou pedido alguma formação específica no início de seu exercício profissional para atuar na EJA e que, portanto, não era um requisito das instituições a necessidade de formação específica para as professoras que começaram a atuar há mais de duas décadas, nem para a professora que iniciou a menos de dois meses, mostrando que não houve mudanças em relação à necessidade de formação inicial específica para os professores trabalharem na EJA, nessas instituições.

A professora **Maria de Fátima** responde que: “[...] fui nomeada pra cá e já funcionava Jovens e Adultos aqui, [...] como eu tenho o pedagógico e a escola necessitou de uma mudança, de uma permuta, aí a diretora perguntou se eu queria ir para o fundamental I e eu tranquilamente aceitei. [...]”. Desse modo a professora demonstra que não apenas o curso pedagógico foi o suficiente para iniciar-se na

Educação de Jovens e Adultos, na instituição escolar em questão, já que a professora não possuía graduação em pedagogia ou formação na área da EJA, que deveria ser um requisito para os professores no trabalho da EJA, desta forma para a escola no momento em que a professora foi designada atuar nessa modalidade de ensino, a sua formação não foi o critério mais importante, mas sim a necessidade de um professor para lecionar na turma da EJA.

A professora foi para a EJA não como primeira escolha, e sim como uma necessidade da escola, fato esse constatado, pois a professora em sua fala não comenta sobre a vontade que ela tinha em trabalhar com a EJA, mas sim da necessidade e do convite da escola, além do mais a professora passou no concurso para lecionar geografia e não necessariamente na Educação de Jovens e Adultos, demonstrando mais uma vez a EJA não era sua primeira escolha.

A professora **Maria Josefa** segue a mesma perspectiva da professora Maria de Fátima e relata o seguinte: “[...] *eu não tinha experiência como educadora, embora tivesse já o normal, fui morar num sítio, na época eu não morava aqui, morava num sítio e aí eu iniciei minha carreira na educação.*” Essa professora enfatiza que não tinha experiência prática na educação, pois nunca tinha lecionado antes, mas tinha a formação mínima para trabalhar na EJA, segundo os critérios da escola, sendo o ensino normal ou pedagógico, e assim se iniciou na EJA. Nesse discurso a professora fala da EJA não como a sua primeira opção, mas como uma oportunidade surgida. A professora possuía o curso pedagógico e como a escola não pediu nenhum requisito além deste, iniciou seu trabalho na EJA.

A professora **Maria Rosa** não comentou sobre como foi seu início na EJA, não relatando ter sido requisitado uma formação específica para atuar na Educação de Jovens e Adultos, assim como as demais entrevistadas.

Em relação à formação inicial, a professora **Maria Josefa** é graduada em pedagogia e têm especialização em psicopedagogia, possui também o curso pedagógico, que é a sua primeira formação. A professora **Maria Rosa** é graduada em pedagogia e têm especialização em psicopedagogia, A professora **Maria de Fátima** é Licenciada em Geografia e possui o curso pedagógico que foi sua primeira formação.

Quando as professoras foram questionadas sobre como tem sido a sua formação para trabalhar na EJA, duas professoras falaram dos cursos de formação

recebidas pela rede Estadual de ensino e uma falou que não houve oportunidade de participar, pois iniciou há pouco tempo na EJA.

A professora **Maria de Fátima** nos disse o seguinte: *“[...] participo sempre que a 9º gerencia, é, oferece cursos, né, formações, eu sempre... Formação continuada, eu sempre consigo, né, participar, eu sempre gosto de participar. Eu fiquei com muita pena que a Universidade ofereceu um, mas como era longo e eu tenho outra atividade, né, não pude me encaixar nele, mas sempre que eu posso, eu sempre estou fazendo uma formação continuada”*.

A professora **Maria Josefa** descreve os fatos de forma semelhante à professora **Maria de Fátima** e relata a sua experiência com a formação da seguinte maneira: *“[...] quanto assim, à capacitação, a gente faz a cada três meses, a gente é capacitado, ou seja, passa por capacitação, por ... Trabalho com, com professores que vem, o Estado oferece, capacitação para os professores que trabalham na EJA”*.

Desta forma, tanto a professora **Maria de Fátima** quanto a professora **Maria Josefa** relacionam formação mais fortemente com as capacitações ofertados pelas instituições e não falam de pesquisas e/ou estudos para atuarem em suas profissões, ou mesmo do processo de formação durante os planejamentos.

A professora **Maria Rosa** difere das colegas de profissão e discorre sobre o fato da seguinte maneira: *“[...] fiz a minha, a minha monografia baseada na Educação de Jovens e Adultos, então, é..., através de pesquisas, estudos, e foi assim um tema que me identificou muito, me identifiquei muito, gosto de trabalhar com Jovens e Adultos, pra mim é muito bom. [...], não tive ainda a oportunidade de fazer nenhuma formação continuada, dentro dessa área, como eu falei faz pouco tempo que eu estou atuando, né?, nessa área”*. Mesmo não tendo participado de nenhuma formação ou curso ofertado pela rede Estadual de ensino, como as outras professoras, a professora **Maria Rosa** pontua que se preocupa com a sua formação para atuar na EJA.

As professoras diferem em suas repostas em alguns momentos, mesmo as professoras que já participam de formações há algum tempo, falam diferente de suas formações para trabalhar com a EJA. A professora **Maria de Fátima** imprime em sua fala a importância que essas formações ocupam em sua vida profissional e o quanto se dedica a participar, e também comenta sobre o sentimento da aflição que passou por não participar de um curso de formação que foi oferecido pela universidade, exteriorizando que procura participar de outras formações, além das

oferecidas pela 9ª gerência de educação. Percebemos assim que a professora tem a consciência do seu inacabamento enquanto profissional, no sentido de se compreender como um ser em construção, que precisa estar sempre buscando novos conhecimentos, não achando que já está pronta, ciente disto, compreende tanto as suas capacidades profissionais, como também que precisa estar sempre procurando aperfeiçoamento.

A professora **Maria Josefa** se concentra em responder que é capacitada, também usa o termo a gente, não se referindo apenas a ela, mas também aos colegas de trabalho aos quais também são ofertados os cursos de capacitação, porém não comenta sobre estudos, pesquisas ou participação em outras capacitações além da que são ofertadas pela Secretária de Educação para trabalhar na EJA.

Diferentemente das suas colegas de trabalho, a professora **Maria Rosa** inicia ressaltando as pesquisas e estudos feitos em consequência dessa modalidade de ensino, bem como o fato de ter escolhido seu campo de estágio na modalidade de jovens e adultos, sendo também citado que a EJA foi o tema do seu trabalho de conclusão na curso da sua graduação, mesmo destacando não ter feito outra capacitação depois que ingressou na escola, se preocupa em evidenciar que cuida de sua formação, enquanto autoformação, sempre estudando e fazendo pesquisas sobre a docência na EJA.

Outra questão abordada durante a entrevista foi sobre as formações continuadas específicas para atuar na EJA, foi perguntado se a instituição escolar na qual as professoras trabalham oferece essas formações e, no caso da resposta ser positiva, como cada uma avalia essas formações. As três professoras são unânimes em dizer que a escola não oferece formação continuada.

A professora **Maria de Fátima** fala das formações que recebe da 9ª gerência e as avalia, conforme as falas transcritas abaixo:

Professora Maria de Fátima: *“Não, assim iniciativa, você quer dizer iniciativa do diretor?”*

Entrevistador: da instituição.

Professora: Da instituição não, sempre só da 9ª gerência, sempre ocorre. É muito bom, né, assim, num todo, você sabe que nunca atinge aquele seu objetivo integral, mas elas sempre é, é, é, promove, é, tentam trazer coisas novas, abordar, né, pesquisas assim, livros quando a gente pede, sempre é muito bom, e é uma troca de

experiência, né, na formação continuada sabe que tem uma troca de experiência com professores e é muito proveitoso, muito proveitoso [...].”

A professora **Maria de Fátima** se concentra em falar das formações recebidas pela 9ª gerência de educação da rede Estadual. Inicialmente a professora avalia como muito boa a formação ofertada, porém na continuação da sua fala, diz que geralmente as formações não atingem os seus objetivos. A partir da fala desta professora percebe-se que os seus objetivos vão de acordo com o que os alunos procuram dentro da sala de aula, que pela fala da professora é a escolarização, já os da formação continuada não aborda todas essas questões como a professora gostaria e foca mais nas inovações, pesquisas, materiais didáticos.

A professora **Maria de Fátima** também enfatiza a questão da troca de experiências que ocorre durante as formações, portanto ocorre uma efetiva participação da professora, que discute e troca experiências, buscando aproximar o conteúdo das formações à realidade escolar de seus alunos. Sendo assim, mesmo as formações sendo importantes para a professora **Maria de Fátima**, não são suficientes para atingir os seus objetivos e os dos alunos.

A professora **Maria Josefa** também diz que a escola não oferece formação continuada específica para trabalhar com os alunos da EJA, conforme fala transcrita a seguir:

Professora **Maria Josefa**: *“Não. Não, eu faço, faço meus planejamentos aqui na instituição, só que SÓ, sem assim, uma pedagoga, um alguém que possa me ajudar, mas eu me viro do jeito que eu posso”.*

A professora **Maria Josefa** mostra em sua resposta que sente falta de formações ofertadas pela instituição, ou mesmo de apoio pedagógico para auxiliar nos seus planejamentos e nas suas dificuldades cotidianas na sala de aula, porém deixa claro que procura buscar, sozinha, formas de melhorar a sua aula, pois o professor tem essa autonomia de buscar modificar ou melhorar o seu desempenho. As falas das professoras mostram que as formações continuadas são significativas para um bom trabalho. Assim corroborando o que diz Laffin (2012, p.9): “A formação continuada assume, assim, para esses *professores*, um espaço relevante na constituição da docência na Educação de Jovens e Adultos”.

A professora **Maria Josefa** demonstra em sua fala que associa a formação continuada aos planejamentos, embora possam estar ligados, pois as formações auxiliam nos planejamentos, não são o mesmo processo e por esse motivo a

professora reclama do fato de que não tem ajuda para fazer os seus planejamentos e se “vira” do jeito que pode, enfatizando que faz os planejamentos da forma que acredita ser a melhor.

Referente sobre as formações continuadas específicas para trabalhar na EJA são ofertadas pela escola, a professora **Maria Rosa** responde “*Não, não tem!*”.

A professora **Maria Rosa** responde de forma sucinta que a instituição na qual ela trabalha não promove formação continuada específica para atuar na EJA.

3.2 A docência na EJA: motivações, condições de trabalho e dificuldades

Na busca por compreender o que influenciou essas professoras a trabalhar com Educação de Jovens e Adultos, foi perguntado sobre as suas motivações para atuarem nessa modalidade de ensino. As professoras assinalaram diferentes motivações que as levaram a dedicar-se à EJA. Duas das professoras falam de forma semelhante, enquanto a terceira difere das colegas.

A professora **Maria Josefa** respondeu: “*[...] me sinto realizada trabalhar com eles, são duas modalidades que eu gosto, educação infantil, e embora, duas coisas totalmente diferente, mas eu me encontro com educação infantil e com modalidade de Jovens e Adultos*”.

A professora expressa em sua fala que trabalha com os alunos e não para eles, fato que é muito interessante, pois mostra que o seu trabalho é em conjunto com os alunos, mesmo a pergunta estando direcionada à EJA, a professora faz questão de enfatizar a vontade que tem de atuar na Educação infantil e define esta como uma modalidade de ensino, também enfatiza a diferença entre a EJA e a educação infantil. Sendo assim, é claro para a professora que se trata de públicos diferentes e que, portanto, o trabalho deve ser diferenciado.

A professora **Maria Rosa** diz “*me identifico bastante, com, é, a turma de Jovens e Adultos, é, é bem interessante trabalhar com eles, bem proveitoso também, é, é uma troca, porque a gente aprende também com eles*”.

A professora fala da identificação que tem com a EJA, fato que pode ser confirmado, pois a professora escolheu essa modalidade como tema de seu trabalho de conclusão de curso referente a sua graduação em pedagogia e como campo para estagiar, essa identificação foi uma das motivações para atuar na EJA, bem como a

forma que ela enxerga a Educação de Jovens e Adultos, como um espaço interessante e proveitoso para se trabalhar.

A professora **Maria Rosa** também fala da troca de conhecimentos que ocorre nas aulas, demonstrando que entre a professora e os alunos ocorre um processo de troca de conhecimentos e aprendizagens, não sendo a professora dentro da sala a única “dona do saber” e os alunos meros depósitos de informações e conhecimento. Essa concepção vai de acordo com o que apregoa Freire (1987, p.39):

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar *sendo* com as liberdades e não *contra* elas.

Deste modo é possível perceber que de acordo com as falas das professoras, o que as motivou a trabalhar na EJA, foi a identificação que tinham com a Educação de Jovens e Adultos, porém é interessante destacar que a professora **Maria Josefa** também evidencia a identificação que nutre pela educação Infantil, dando a entender que a EJA não é sua única escolha, enquanto a professora **Maria Rosa** demonstra não apenas nessa resposta, mas também em outras respostas, que desde a sua formação inicial se identifica com a EJA.

Diferente das colegas, a professora **Maria de Fátima** responde: *“Primeiro quando eu fui nomeada, é, só tinha vaga pra esse turno noturno, e, eu gosto muito de lecionar e como eu tinha, é, disponível essas turmas, então eu comecei, aí você desenvolve, quando você tem AMOR à profissão, não importa onde te encaixem, né? Onde você vai ser, você vai procurar é, conhecer seus alunos, conhecer seu ambiente de trabalho e dar o seu melhor, o que me motiva é dar o melhor pra eles.”*

A professora relata que não escolheu inicialmente atuar na EJA, mas surgiu a oportunidade e a necessidade, como nutre um sentimento de amor pela docência resolveu aceitar. Ressalta que procura dar o melhor de si em sua profissão e enfatiza o sentimento de amor pela educação, assim, para a professora **Maria de Fátima** a profissão ocupa um espaço maior que somente profissional, é um espaço onde se sente mais humana e que nutre o amor pelo bem estar do outro. Esse sentimento pode ser visto como positivo, pois a afetividade é importante nas

relações humanas e no caso específico da EJA é válido por trata-se de um público que apresenta baixa autoestima, porém é importante que haja um equilíbrio para que a relação professor-aluno não esteja sendo norteadada apenas pela afetividade.

Na fala da professora também é possível perceber a preocupação que há em contextualizar a vida do educando com a vida escolar. Esse é um elemento que torna-se importante para os professores da Educação de Jovens e Adultos essa contextualização a partir da realidade de vida dos alfabetizados, no sentido de procurar o que os motivam em relação a escola para tornar a para o aluno a aula mais participativa e interessante.

Esse sentimento de amor demonstrado pela professora não é abordado de forma enfática pelos diferentes autores no referencial teórico deste trabalho, porém para essa professora torna-se mais relevante e motivador do que propriamente a valorização social enquanto profissional da educação. A respeito deste sentimento de amor Freire (1987, p. 79-80) declara que a “educação é um ato de amor”.

Percebemos que diante da pergunta sobre as motivações para trabalhar na EJA, as três professoras demonstram diferentes e plausíveis formas que as motivadoras para atuarem na Educação de Jovens e Adultos.

Durante a entrevista foi perguntado às professoras quais as dificuldades enfrentadas por elas no desenvolvimento das suas atividades docentes. As três professoras pontuaram diferentes dificuldades, revelando apenas aquelas que se apresentam para elas como as mais relevantes, mesmo quando reforçado o pedido durante as entrevistas para que duas professoras discorressem sobre outras dificuldades, limitaram-se as seguintes respostas:

Professora **Maria Josefa**: *“As dificuldades, é assim, eu mais, é... Encontro é... no setor de, de assim, de alguém, de um planejamento, assim, quinzenal, ou mesmo, é... bimestral, o material de apoio, que pudesse mim facilitar.*

Entrevistador - Mais alguma dificuldade?

Professora: Não. Não, depois dessa, eu sei mesmo lidar com aluno de Jovens e Adultos.”

Professora **Maria Rosa**: *“Assim, o que mais, é, a maior dificuldade pra mim, é porque eles faltam muito, entendeu? Então de certa forma é como se quebrassem um pouco o trabalho, né? [...] Tá sempre resgatando eles, essa é uma dificuldade que a gente encontra.*

Entrevistador: Mais alguma dificuldade?

Professora: Não, é... essa, eu acho que é a maior mesmo.”

A professora **Maria Josefa** faz várias pausas e gagueja no início da sua fala, buscando responder ao questionamento, procurando palavras para externar o que ela quer falar, assim ela apresenta a resposta anterior da questão nº. 3, que se refere a ajuda nos planejamentos, a professora discorre sobre a falta de planejamentos sistemáticos que pudessem ajudá-la, continua a resposta dizendo que não existem outras dificuldades, pois sabe lidar com os seus alunos da EJA.

A professora discorre sobre a dificuldade encontrada na falta de planejamentos sistemáticos, que são muito relevantes para os professores, pois auxiliam no trabalho docente, desta forma, ocorrem dificuldades em efetivar seu trabalho, sem um coordenador pedagógico que seja um suporte para ajudar em suas dúvidas e dificuldades, também evidencia a falta de material de apoio, dificuldade essa que atrapalha diretamente o processo ensino-aprendizagem, pois torna o trabalho docente na EJA mais difícil, assim a professora fica com toda responsabilidade, havendo uma cobrança pessoal muito grande em relação ao seu trabalho.

A professora **Maria Rosa** classifica como a maior dificuldade a baixa frequência dos alunos, embora tenha citado indiretamente também em sua fala o quanto é difícil está motivando esses alunos a continuarem estudando, frequentando a sala de aula sistematicamente. A falta de sistematização na frequência dos alunos é um problema real nessa modalidade de ensino, pois são estudantes que trabalham ou possuem outras atividades diárias e por vezes estão cansados ou desmotivados para estudar, fato este também constatado por Campelo (2010). Esse fato atrapalha a aprendizagem do aluno, pois quebra o ritmo das aulas dificultando a aprendizagem dos faltosos, também dificulta o trabalho docente em razão de que o professor precisa sempre voltar aos assuntos que já ministrou, causando um atraso nas aulas e a falta de interesses para os alunos que já trabalharam o conteúdo.

Esse também é um problema evidenciado pela professora **Maria de Fátima**, que coloca como dificuldade a evasão escolar dos alunos, que segundo a mesma também está vinculado à baixa frequência dos alunos pelos problemas enfrentados em seu cotidiano, ou seja, há a evasão total, quando o aluno se desliga da escola, e a evasão parcial, marcada por ausências frequentes dos alunos às aulas. Em ambas as professoras há um sentimento de incapacidade diante desta dificuldade, pois tentam e não conseguem encontrar solução.

É importante ressaltar que o problema da evasão escolar ocorre em nível nacional e não é uma problemática de fácil solução, pois não depende apenas do esforço do professor ou do interesse do aluno, a um compilado de problemas intra e extra-escolares que dificultam a efetivação da Educação de Jovens e Adultos. Sobre a dimensão do problema da evasão. Correa (2012, p.9) salienta que:

[...] a evasão escolar não deve ser vista como um problema isolado, e nem regional, trata-se de uma conjuntura nacional, juntamente com ela, pode-se citar todo sistema educacional brasileiro. Somando-se a isso encontram-se outras questões não menos importantes envolvidas, como o analfabetismo e a desvalorização do profissional da educação. Com tudo, ainda pode-se citar a questão social, destacando a linha da pobreza que tem um peso forte sobre a eficácia do aluno na escola. Aliado a todos esses percalços, a evasão ocorre intensificando cada vez mais o problema educacional, e por consequência o social.

Sentimento que também é compartilhado pela professora **Maria de Fátima** na seguinte fala: *“Minha maior dificuldade é a evasão. A maior dificuldade no campo de Jovens e Adultos é a evasão, porque é, apesar deles buscarem, mas sempre aparecem problemas, é, eu sempre costumo dizer as outras minhas amigas de profissão que lecionam pela manhã: a criança é diferente, a criança, o pai coloca pra vim estudar; o Jovem e Adulto não, ele procura assim, ele quer, mas ele tenta conciliar né, a vida dele com o estudo, então qualquer coisa que acontece na família é um fator pra eles desistirem”*.

A professora aponta o problema da evasão a partir do conhecimento adquirido durante a sua longa experiência como educadora nessa modalidade de ensino, como algo que é para ela a maior dificuldade da EJA. São vários os fatores que fazem os alunos desistirem da escola, já que fazem parte de um público que estar inserido em um contexto de desigualdades sociais, são sujeitos que precisam trabalhar o dia inteiro e cuidar da família, então acabam, por vezes, desistindo da escola, pois tem uma dura jornada diária a ser cumprida. Diante disto, as professoras que desejam mudar essa realidade, precisam lutar diariamente para motivar esses alunos a continuarem estudando.

Evasão escolar nas turmas de Jovens e Adultos é um problema citado por professores e autores, assim como a dificuldade que as professoras encontram para motivarem esses alunos. Sobre a evasão, Arroyo (1997, p.23) assinala o seguinte:

Na maioria das causas da evasão escolar, a escola tem a responsabilidade de apontar a desestruturação familiar, e o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, tornando-se um jogo de empurra. Sabe-se que a escola atual é preciso estar preparada para receber e formar estes jovens e adultos que são frutos dessa sociedade injusta e, para isso é preciso professores dinâmicos, responsáveis, criativos, que sejam capazes de inovar e transformar sua sala de aula em um lugar atrativo e estimulador.

Esse problema também é evidenciado na fala da professora **Maria de Fátima** do seguinte modo: “[...] *você tenta buscar, tenta buscar, muitos a gente consegue resgatar, passou aquela fase, volta... né? Não tem importância, a gente consegue, você vai pegar novamente, mas eles terminam desistindo, é o maior problema de Jovens e Adultos é a evasão. Não encontro outras dificuldades. [...] nas minhas aulas eu procuro o dia-a-dia deles e jogo, pra não ter aquela ‘a professora ta trazendo coisa de infantil’, né? Não, a gente procura dar a eles o saber, né? O que eles querem, mas com as convivências que eles trazem, né? Com aquelas vivências”.*

A professora apresenta em sua fala estratégias que utiliza para tentar estimular esses alunos a participem e se interessem pelas aulas. Porém, diante dessa busca por estratégias e metodologias para dinamizar o processo ensino-aprendizagem, também se expressa a dificuldade de encontrar metodologias, Isso porque não há a disposição do professor da EJA metodologias específicas para trabalhar com os alunos.

Percebemos a partir da fala da professora **Maria de Fátima** que há uma preocupação em empregar em suas aulas o sentido da educação freireana buscando alfabetização dos alunos da EJA a partir dos conhecimentos e vivências do cotidiano desses alunos.

O fato de a professora estar atenta às vivências dos alunos é muito relevante para o processo ensino-aprendizagem, visto que para o público de jovens e adultos estudar os conteúdos vinculados a seu cotidiano facilita a apreensão dos conteúdos, além do campo afetivo, pois ao contar suas vivências e seu cotidiano os alunos se sentem mais próximos da professora.

Para a efetivação de um trabalho de qualidade por parte das professoras é importante que elas tenham boas condições de trabalho. Diante disto foi posto em questionamento durante a entrevista se a instituição em que trabalham fornece suporte físico, didático e formativo para a realização do trabalho docente?

A professora **Maria de Fátima** deu a seguinte resposta:

“Sim, sim, sim. Nós temos muito bom aqui, Dona Ilca [diretora da escola] procura muito equipar a escola, num sabe?, direitinho, a única coisa assim que falta muito é a impressora, né? Por conta do toner, mas isso aí a gente se rebola, né? (risos), [...] Dona Ilca procura sempre trazer vídeo aula, sabe?, a gente traz muito essas coisas assim, pra dinamizar a aula, pra não deixar aquela aula só quadro e giz, certo? Tarefas, isso aí é muito satisfeito, muito satisfatório a escola.”

Inicialmente a professora responde que a escola fornece suporte físico, formativo e didático, porém no decorrer da sua fala apenas o aspecto didático é referido de forma efetiva, é citado pela professora a dificuldade com a xérox. Também é relevante destacar que na resposta anterior a **professora Maria de Fátima** expressou a falta de formação continuada promovida pela escola, assim é perceptível que mesmo tendo respondido positivamente de início, analisou e percebeu que não havia todo esse suporte e conclui sua fala positivamente, enfatizando a direção da escola como um suporte.

A respeito do questionamento feito sobre o suporte físico, didático e formativo, que oferecido pela instituição para a realização do trabalho docente em que a professora **Maria Josefa** trabalha, foi dada a seguinte resposta: *“Fornece, fornece, isso eu tenho espaço aqui, sou bem acolhida, eles também, sempre tem os eventos da escola, eles são é, é convidados a participar, quanto a isso a gente é bem acolhido na escola”.*

A professora responde que a escola em que trabalha fornece suporte físico, didático e formativo, porém quando perguntada anteriormente sobre as dificuldades docentes, a professora **Maria Josefa** destacou exatamente como dificuldades enfrentadas no trabalho docente a falta de planejamento e material de apoio, que fazem parte do suporte didático e formativo, ocorrendo assim uma confusão entre as respostas dadas pela professora.

Mesmo afirmando que a escola oferece o suporte necessário para seu trabalho, a resposta da professora enfatiza apenas a questão do espaço, porém não fala do espaço físico que a escola oferece como salas de aulas, mas sim sobre o espaço no sentido de valorização da EJA em sua instituição, destaca que é bem acolhida juntamente com seus alunos. Percebemos que a professora se preocupa em ressaltar apenas as qualidades da escola, também demonstra durante sua fala que a valorização e participação com a sala da EJA no que se refere as ações que a

escola promove torna-se um aspecto relevante para ao seu trabalho enquanto professora de jovens e adultos.

A professora **Maria Rosa** embora tenha respondido positivamente sobre o suporte dado pela instituição, discorre apenas sobre os aspectos físicos e didáticos, respondendo da seguinte forma ao questionamento: *“Sim, a escola, ela, ela tem um, um suporte, bem, bem legal, estrutura, é bem organizada, é dispõe de, de materiais também, então dá pra fazer um bom trabalho com a turma de Jovens e Adultos”*.

A professora cita a estrutura, organização e a disposição de materiais, fato esse que viabiliza um bom trabalho docente, as condições de trabalho influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos, pois o professor possuindo um bom suporte consegue ter maiores opções para trabalhar os conteúdos, no que se refere ao aspecto físico é importante que as salas de aulas de EJA sejam ambientes acolhedores, com espaço que os alunos jovens e adultos possam locomover-se de forma satisfatória e com cadeiras e mesas próprias para sua idade e tamanho.

3.3 O processo de ensino na EJA: adversidades e dificuldades de soluções

Durante o trabalho docente na EJA os professores e professoras enfrentam diariamente dificuldades próprias da Educação de Jovens e Adultos. A fim de saber como cada docente trata esses problemas surgidos durante o processo ensino-aprendizagem, foi colocado em questão durante a entrevista como e o que as professoras fazem para superar essas dificuldades.

Diante do questionamento as três professoras falam de forma semelhante referindo-se ao que fazem para superar essas dificuldades, que são de maneira semelhante planejar estratégias para estimular e manter os alunos motivados continuar frequentando as aulas, diante disto, duas professoras utilizam formas diferenciadas para buscar soluções e a terceira não discorre sobre como faz. As respostas das professoras são as seguintes:

Professora Maria Josefa: *“Lido bem, como eu já disse, eu lido bem com, com o público de Jovens e Adultos.*

Entrevistador: Mas o que você faz e como faz para lidar bem com seus alunos?

Professora: *“Assim, planejo as aulas com atividades diferentes pra aula ficar melhor, atrativa pra eles, com vídeos, música, essas coisas, faço tudo que está ao meu alcance pra ajudar a eles”*.

A professora afirma que lida bem com os alunos da EJA, referindo-se ao que faz para superar as dificuldades, fala que planeja atividades diferentes para estimular os alunos em suas aprendizagens, a professora mostra que se preocupa com o interesse dos alunos pela aula, afinal buscar formas para que Jovens e Adultos sejam motivados a vir para a escola, apesar de um dia cansativo, é muito importante. Desta forma a docente busca, por meio de em atividades que vão além de quadro e giz, traz atividades dinâmicas que chamam atenção desses alunos.

Professora Maria Rosa: *“A gente tem que estar sempre resgatando, buscando, convidando, é, como eu já falei, eles faltam MUITO, então a gente tem que estar sempre buscando eles, procurar saber o que aconteceu, porque faltou, porque não está vindo [...]. A gente tem que estar sempre buscando eles, convidando e chamando (Risos), motivando, é uma luta diária mesmo.*

Para buscar soluções em suas dificuldades docentes a professora discorre que é preciso estar motivando constantemente os alunos para que sua frequência não caia, diz que faz isso motivando os seus alunos, entrando em contato para saber se aconteceu algum fato que dificultasse a vinda desse aluno para a sala de aula. É muito relevante para o combate à evasão estar sempre buscando informações e motivando esses alunos, pois são sujeitos com pouca baixa-autoestima e muitos problemas, advindos de suas condições socioeconômicas e culturais.

Professora Maria de Fátima: *“Eu procuro sempre estar em contato, com eles, né? Mas é como eu acabei de colocar, é difícil, muito difícil, pra evasão é muito difícil, assim, a gente conseguir trazer de volta, né? Não, não, depende da escola e nem de mim, depende deles, né?”*

A professora, assim como as suas colegas, procura estar próxima dos alunos, porém no decorrer da sua fala nota-se certo ar de esgotamento, um cansaço, é perceptível que para essa professora está difícil buscar formas para solucionar as dificuldades provenientes da evasão escolar, assim acaba responsabilizando os alunos, que já são vitimados, pois segundo a professora depende deles querer voltar a estudar, estudar, como se apenas a vontade pessoal de cada aluno fosse suficiente.

A evasão escolar não tem um só responsável e imputar responsabilidade a alguém que já sofre com as condições adversas da vida é apenas uma forma de distanciar-se do problema, ou de não entendê-lo de modo coerente. No caso citado

pela professora, em relação aos alunos da EJA, ocorrem diferentes dificuldades para esses se manterem na escola, pois se trata de um público que possui tantas outras responsabilidades e dificuldades, além de fazerem parte de uma camada social que está inserida em um contexto de desigualdades sociais e precariedade material.

Buscando compreender as dificuldades e enfrentamentos docentes no processo ensino-aprendizagem da EJA a partir dos olhares das docentes entrevistadas, as professoras foram indagadas sobre o que consideravam mais difícil encontrar soluções no que se refere aos problemas na EJA. Diante dessa questão foram dadas as seguintes respostas:

Professora Maria de Fátima: *“Infelizmente não tem assim, uma solução, né? [...], infelizmente a gente não consegue assim, começar com uma turma de 20 (vinte) alunos e terminar com esses 20 (vinte) alunos, não consegue, não consegue, sempre é muito difícil, todo ano, né? É sempre assim, começa muito boa a turma, aí vai aquela desistência, vai começando os problemas, aparecendo as dificuldades, aqueles problemas, problemas, termina bem pouquinho aluno, isso é anual mesmo, não têm solução.”*

A professora **Maria de Fátima** continua falando do problema da evasão escolar e chega à conclusão que esse problema não tem solução, apesar de todo o esforço em procurar formas para motivar esses alunos a não desistirem. A professora demonstra um sentimento de impotência diante da evasão, ressaltada a partir da sua experiência, sendo esse um problema que ocorre todos os anos, turma após turma.

Diante da longa jornada de trabalho da professora na EJA, o diagnóstico feito por ela reflete a dificuldade enfrentada cotidianamente pelos docentes que trabalham nessa modalidade de ensino com relação à evasão escolar. Esse sentimento de impotência ocorre, pois, a professora busca formas, traz atividades novas, procura estar em contato com seus alunos, mas isso não é suficiente. O problema da evasão não pode ser resolvido somente pelos professores e/ou alunos, nesse processo estão inclusos a família, as condições socioeconômicas e culturais, a desigualdade social, entre outros fatores, que de uma forma ou de outra fazem da evasão escolar na EJA um problema de difícil solução.

As professoras parecem não ter ciência das causas sociais, econômicas e culturais da evasão escolar, desta forma se responsabilizam por procurar superar a problemática da evasão escolar, neste caso é importante que professoras

compreendam que o problema da evasão não se resolve apenas por meio da ação do professor, mesmo sendo esse um aspecto relevante na luta contra a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos, não é um caminho para se trilhar sozinhas, pois a dificuldade dos alunos permanecerem na escola passa por diversos problemas como econômicos, sociais, culturais, familiares, entre outros.

Professora Maria Rosa: *“... Não, assim, é, sempre há né? uma solução, a gente sempre tem um, um caminho, né? Pra mim que tá começando agora, o meu maior, a minha maior dificuldade, meu problema está sendo esse, entendeu? É, essa falta deles, até porque eles, eles tinham uma professora que eles gostavam MUITO, é, era muito querida, entendeu? Então conquistar eles, é, fazer com que eles não desistam, é, continuar vindo pra escola, esse está sendo o meu maior desafio”.*

A professora é otimista em relação a procurar soluções para os problemas enfrentados durante o processo ensino-aprendizagem. Enfatiza a questão de estar começando há pouco tempo na EJA, e diferente das suas colegas, demonstra em sua fala que esse problema da baixa frequência e da dificuldade de conquistar os alunos é um problema causado, em parte, pela sua pouca experiência, também destaca a responsabilidade de estar ocupando o espaço de uma professora muito importante para o alunado. Percebemos que o mesmo problema é visto e enfrentado por diferentes óticas, tanto pela professora iniciante, como pela veterana.

Professora Maria Josefa: *“... No processo de ensino aprendizagem, o que eu me vejo, assim, é, o setor com a família, eu acho que a família é, é o ponto chave dentro da educação, a escola não anda só, só com o aluno, ela tem que acontecer uma parceria com a família, já no, no tocante a Jovens e Adultos, vejo que essa sala minha esse ano, eu não tenho adolescente, mas que eu já trabalhei com adolescente e... nesse, nesse período que eu estava trabalhando com adolescente, eu encontrei MUITA dificuldade[...] o suporte maior é a família, esse ano não, porque já são alunos depois de trinta, quarenta, cinquenta anos, a gente não tem problema.”*

É perceptível que a cada questionamento durante a entrevista a professora **Maria Josefa** discorre sobre um problema diferente, mesmo assim, sempre começa ou termina sua fala destacando suas habilidades e comprometimento profissional, esclarecendo que mesmo que haja problemas ela está preparada e, portanto, o problema está na instituição, nos alunos ou na família.

A professora destaca dois problemas de difícil solução, que são a relação família/escola e a heterogeneidade em relação à faixa etária dos alunos da EJA. A família dos alunos jovens e adultos não consegue ou não pode dar suporte, pois também estão inseridos em um contexto de desigualdade social e mesmo em casos que esses familiares compreendem a importância da educação para a superação destas desigualdades, não conseguem dar auxílio aos alunos, por possuírem dificuldades, como por exemplo, não serem alfabetizados, desta forma acabam não conseguindo oferecer o suporte que esses alunos necessitam.

Também é relevante ressaltar que por vezes os jovens e adultos não recebem de seus familiares apoio e incentivos, pelo contrário, a família passa a ser em muitos casos, um obstáculo aos estudos. Isso ocorre, por exemplo, quando o marido cria empecilhos para sua esposa estudar por acreditar que a mulher precisa cuidar da casa e dos filhos em tempo integral, são situações diversas que trazem dificuldades aos alunos jovens e Adultos.

Na questão que se refere à heterogeneidade na EJA, vale destacar que nem sempre os professores estão preparados para trabalhar em uma mesma sala de aula com diferentes faixas etárias, interesses e motivações. Neste sentido, como aponta Vargas (2008, p.181), “nas turmas de EJA há jovens, jovens adultos e, em alguns lugares, idosos.

Também é relevante destacar que a heterogeneidade na educação de Jovens e Adultos não se concentra apenas na faixa etária dos alunos, mas também na heterogeneidade de gênero, cultura, raça etc. Diante disto é importante que o professor (a) desta modalidade de ensino esteja ciente que trabalhar com o público da EJA consiste em lidar com a diversidade. Sobre esse fato Carrano (2008, p.160) assinala o seguinte:

As dificuldades em lidar com a diversidade parecem algo congênito na constituição da idéia de escolarização. A homogeneidade ainda é muito mais desejável a cultura escolar do que a noção de heterogeneidade, seja ela de faixa etária, de gênero, de classe, de cultura, regional ou étnica.

Sobre o trabalho docente há um importante aspecto a ser considerado: como o professor se sente em relação ao seu trabalho? Nesse sentido, durante a entrevista as professoras foram indagadas sobre como se sentem enquanto profissionais que atuam na EJA.

As três professoras se dizem satisfeitas. A professora **Maria Josefa** dá a seguinte resposta: *“Eu me sinto realizada, trabalhando na EJA, quer dizer, como educadora eu gosto do que eu faço”*. A resposta da Professora **Maria Rosa** foi a seguinte: *“Realizada, gosto muito mesmo [...], graças a Deus, estou muito bem satisfeita graças a Deus”*. E a Professora **Maria de Fátima** afirma o seguinte: *“Eu me sinto bem, né? Eu GOSTO, é muito satisfatório [...] Pra você ser humano, professor, é muito bom, a gente só fica triste por esse outro lado da evasão”*.

As professoras relatam que se sentem realizadas em seu trabalho na EJA, sendo que a professora **Maria Josefa** destaca a importância de trabalhar como educadora, estar satisfeita em atuar na Educação de Jovens e Adultos,

A professora **Maria Rosa** comenta sobre a satisfação que sente ao atuar na EJA, essa realização e satisfação são muito importantes para que as aulas sejam mais agradáveis e proveitosas, pois se o professor trabalha em um espaço que lhe faz bem, esse bem estar reflete na forma que as aulas são ministradas. Sendo a Educação de Jovens e Adultos um campo que enfrenta diversos desafios, ser um profissional realizado é muito relevante.

Diferente das suas colegas, a professora **Maria de Fátima** diz que se sente satisfeita, porém relata que fica triste por causa da evasão dos alunos. Notamos que a dificuldade em lidar com o problema da evasão na EJA afeta negativamente a professora até mesmo em seu bem estar, assim a evasão se configura para ela não como um obstáculo a ser enfrentado, mas como um problema sem solução que atrapalha seu cotidiano escolar.

Para finalizar a entrevista foi feito o ultimo questionamento às professoras: diante de todas as dificuldades e problemas relatados e enfrentados pelas docentes o que motiva cada uma delas a trabalhar na Educação de Jovens e Adultos?

Diante do questionamento proposto duas professoras disseram que suas motivações para atuar na EJA estão em poder ajudar ao próximo, e uma professora diz que os próprios alunos já são razões para motivá-la. Diante disto, as respostas foram as seguintes:

A professora **Maria de Fátima** respondeu: *“[...] você fazer parte de cada vida [...]. Aprendizagem não só é o, o ler, o escrever, como muitos tem essa mentalidade, mas é a convivência, é ensinar como ele pode lidar com uma situação [...]. É o que me motiva, né?, a ensinar, é saber que eu estou ajudando de qualquer forma, ajudando uma pessoa a crescer, a valorizar a si mesmo, porque muitas vezes você*

pensa que não, mas aquela pessoa que não sabe, que não tem um conhecimento, ela se sente inferior e a partir do momento que você vê que ela consegue, você vê o crescimento do aluno, né? Com a aluna enquanto ser humano, você consegue alcançar, consegue ver ele crescendo e se valorizando bem mais, isso me gratifica muito, é o que me motiva ficar em EJA, apesar da evasão (risos).”

A motivação da professora está em poder ajudar seus alunos a aprenderem, aprender não apenas no sentido de alfabetização, mas também de aprender a se valorizar, a entenderem que eles podem vencer suas dificuldades, a lutar pelos seus direitos a, a fazerem parte da vida social sem vergonha. Esse sentido de relações entre professores e aluno também é reconhecido por Pinheiro (2010, p.92), quando afirma: “Como educadores/professores de EJA, no processo de construção de relações, precisamos considerar a importância de construir relações de confiança e buscar reconhecer as potencialidades através do respeito [...]”.

A resposta da professora **Maria Rosa** foi a seguinte: *“Poder ajudar, né? É.., é você saber que Jovens e Adultos, ele encontra muitas dificuldades, é, às vezes, preconceito, às vezes, é, a desmotivação, pelo fato de ser jovens, ser adultos, então tem muitas barreiras. Então é poder ajudar a pessoa a ler, a escrever, a falar, resolver coisas no banco, contar, essas coisas, então é muito satisfatório pra gente poder ajudar outra pessoa a resolver as suas coisas de uma forma melhor, né?”*

A professora pontua que poder ajudar é o que lhe motiva, mas a professora fala em ajudar no sentido de motivar os alunos a aprenderem, pois apesar de ser seu trabalho a escolarização dos alunos, há um desejo que os alunos superem suas dificuldades, os preconceitos da família, da sociedade, para que eles possam ser cidadãos ativos e tomem suas próprias decisões.

A professora **Maria Josefa** salienta: *“São eles mesmos (os alunos). Assim que eu já passei por, por várias turmas e são depoimentos de pessoas de maior idade, [...] desenvolveu a leitura comigo e foi... é muito gratificante quando isso acontece, [...] tudo isso faz com que a gente continue como educadora e, principalmente, de jovens e adultos”.*

A professora **Maria Josefa**, assim como suas colegas, busca motivações em seus alunos, nas suas vitórias diárias, na responsabilidade de fazer parte da aprendizagem desses jovens e adultos que precisam superar dificuldades todos os dias para prevalecer o seu direito a educação.

No decorrer deste capítulo foi possível perceber que embora as professoras possuam dificuldades no que se refere ao trabalho docente na EJA, essas professoras procuram diversas estratégias de enfrentamento para solucionar ou minimizar essas dificuldades, buscando efetivar uma educação de qualidade para seus alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou as dificuldades e os enfrentamentos docentes na Educação de Jovens e Adultos, e nos possibilitou compreender o processo de ensino e aprendizagem na EJA e a relevância do trabalho docente para essa modalidade de educação que enfrenta diversos problemas para ser efetivada.

A partir deste trabalho tornou-se possível identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores e os modos como lidam na busca por solucionar ou amenizar esses problemas. O fizemos através da leitura de autores que estudam sobre a EJA e das falas das professoras que atuam nesta modalidade de ensino que se propuseram a participar desta pesquisa, visando compreender a relevância dos aspectos formativos, didáticos e físicos que auxiliam na efetivação de uma educação de qualidade.

Percebemos a relevância da formação continuada, que oferece suporte para as docentes obterem um melhor aprendizado, pois na maioria das vezes, os professores que atuam na EJA não possuem formação específica. Do mesmo modo, compreendemos como a falta de planejamentos específicos para estes professores pelas instituições da qual fazem parte se configura como uma desvalorização profissional.

As nossas análises favoreceram compreender que mesmo as professoras buscando trabalhar na EJA seguindo uma perspectiva de educação em seu sentido mais amplo, ou seja, procurando educar para a formação integral do sujeito, a fim de que possam se tornar capazes de refletir e intervir politicamente em seu meio social, na maioria das vezes as professoras não conseguem alcançar esse objetivo, neste caso o fato de alfabetizar esses alunos, é percebido por essas professoras como um grandioso e importante passo, que por si só já reflete a efetivação de bom trabalho e a sensação de dever cumprido.

As dificuldades e os problemas enfrentados pela EJA, especificamente no processo de ensino e aprendizagem, refletem muito mais que problemas como a falta de formação continuada para os professores, falta de teorias específicas para EJA e as dificuldades docentes. Há uma problemática muito maior que se refere às questões sociais, econômicas e culturais vivenciadas pelos alunos da EJA. Tais questões formam um conjunto de problemas de difíceis soluções. Deste modo, foi possível percebermos nas falas das professoras participantes desta pesquisa um tipo

de esgotamento de possibilidades no que se refere a desenvolver metodologias e estratégias que amenizem problemas crônicos da Educação de Jovens e Adultos, como é o caso da evasão escolar. Para esse problema o trabalho docente pouco influencia na sua resolução.

No decorrer da realização deste trabalho também foram relatados pelas professoras as variadas formas que utilizam para superar ou amenizar as dificuldades que estão mais presentes em seu cotidiano escolar e os diferentes olhares que cada uma apresenta. Há as que acreditam que determinados problemas não tem solução e outras que acreditam que para cada problema há um caminho a ser percorrido. Esses olhares e expectativas diferenciados, que em algum momento se cruzam, mostram tanto as possibilidades que a EJA tem de se desenvolver melhor no contexto da educação brasileira, como os modos de enfrentamento das dificuldades a serem enfrentadas para que a EJA seja valorizada.

Considerando o que conseguimos apreender e empreender na realização deste trabalho, ou seja, as leituras teóricas, a escuta das falas das professoras, as nossas análises, salientamos que a EJA está posta tanto por autores que acreditam no pleno funcionamento desta modalidade de ensino como para as professoras entrevistadas como forma de superação, seja das desigualdades sociais através de intervenção na sociedade por parte dos alunos da EJA, seja na efetivação de pequenas mudanças pessoais como aprender a escrever o nome ou ler o nome do filho, ler e escrever pequenos textos e fazer pequenas operações matemáticas. Existe um sentimento entre teóricos e professores que atestam ser a luta a favor de uma educação de qualidade para os jovens e adultos, uma luta difícil, mas válida, que traz inúmeros benefícios para esses cidadãos e para a educação brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALBINO, Giovana Gomes; ANDRADE, Erika do Reis Gusmão. Formação Continuada: refletindo sobre seu sentido no contexto da EJA. In: PINHEIRO, Rosa Aparecida; BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro (Coords.). **Estudos e práticas de educação de Jovens e Adultos na universidade**. Natal, RN: KMP, 2010. p.11-56.
- ARROYO, Miguel G. da. **Escola coerente à Escola possível**. São Paulo: Loyola, 1997 (Coleção Educação popular, nº 8).
- _____. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. UNESCO (Org.). **Construção Coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008. p. 221-230. (Coleção educação para todos; 3).
- BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro. Reorganização da Educação de Jovens e Adultos no Sistema Educacional de Natal- RN (2002-2010). In: PINHEIRO, Rosa Aparecida; BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro (Coords.). **Estudos e práticas de educação de Jovens e Adultos na universidade**. Natal, RN: KMP, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. Alfabetizar Jovens e Adultos: das dificuldades docentes à busca de Alternativas. In: PINHEIRO, Rosa Aparecida; BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro (Coords.). **Estudos e práticas de educação de Jovens e Adultos na universidade**. Natal, RN: KMP, 2010. p. 57-76.
- CARLOS, José; BARRETO, Vera. Um sonho que não serve ao sonhador. UNESCO (Org.). **Construção Coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008. p.63-68. (Coleção educação para todos; 3).

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Identidades juvenis e escola. UNESCO (Org.). **Construção Coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008. p.153-163. (Coleção educação para todos; 3).

CORRÊA, Guilherme Carlos. **EJA, educação e escolarização**. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

CORREA, Zélia Delgado. **Caracterização da evasão escolar no CEEBJA de Santa Helena – PR**. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA). Medianeira: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

Declaração de Hamburgo. In: PAIVA, Jane; MACHADO, Maria Margarida; IRELAND, Timothy. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**: uma memória contemporânea, 1996-2004. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

DELORS, Jacques. **Educação**: um Tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez: UNESCO, 1996.

DI PIERRO, Maria Clara. Um balanço da evolução recente da educação de jovens e adultos no Brasil. UNESCO (Org.). **Construção Coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008. p. 17-30. (Coleção educação para todos; 3).

FENANDES, Dorgival Gonçalves. **Ir-remediável campo de sonhos de futuro**: representações sociais da escola entre jovens estudantes de escolas públicas no sertão nordestino. 288f. Tese (Doutorado em educação). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GENEVOIS, Margarida Bulhões Pedreira. Os direitos humanos na história. UNESCO (Org.). **Construção Coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008. p. 69-85. (Coleção educação para todos; 3).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001. 80p.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. A constituição da docência na educação de jovens e adultos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 210-228, jan./abr. 2012.

NOBRE, Noélia. **Marias do meu nordeste**. Disponível em: <<http://noelianobre.blogspot.com.br/2010/02/marias-do-meu-nordeste-quem-nunca-ouviu.html>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

PASSOS, Joana Célia dos. As práticas educativas do movimento negro e a educação de jovens e adultos. UNESCO (Org.). **Construção Coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008. p. 165-173. (Coleção educação para todos; 3).

PINHEIRO, Rosa Aparecida. Articulação dos saberes-fazeres na EJA e na comunidade-patronagens possíveis. In: PINHEIRO, Rosa Aparecida; BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro (Coords.). **Estudos e práticas de educação de Jovens e Adultos na universidade**. Natal, RN: KMP, 2010. p. 77-104.

SAMPAIO, Marisa Narcizo. Educação de Jovens e Adultos: complexidade na trajetória e nas práticas pedagógicas: Uma perspectiva nascida da experiência. In: PINHEIRO, Rosa Aparecida; BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro (Coords.). **Estudos e práticas de educação de Jovens e Adultos na universidade**. Natal, RN: KMP, 2010. p. 105-132.

SOARES, Leôncio. O educador de Jovens e Adultos e sua formação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, p. 83-100, jun. 2008.

SOUZA, Mirian Karine et al. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): fatores que interferem na adesão. **ABCD Arq Bras Cir Dig**, n. 26, v. 3, p. 200-205. 2013.

VARGAS, Maria Cristina. Vinte anos do MST: sempre é tempo de aprender. UNESCO (Org.). **Construção Coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. 2. ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008. p.175-189. (Coleção educação para todos; 3).

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado participante,

A presente pesquisa intitulada: O processo de ensino na educação de jovens e adultos: dificuldades e enfrentamentos docentes têm como principal objetivo analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores da EJA no processo de ensino e as estratégias que desenvolvem para superá-las.

A pesquisa será realizada por meio de entrevista semiestruturada. Sua identidade será mantida em sigilo, bem como sua instituição. Os procedimentos previstos, para esta pesquisa, não envolvem qualquer desconforto para os participantes.

Sua participação é valiosa para o desenvolvimento da pesquisa e para a produção de conhecimentos na área da Educação, principalmente no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos.

Atenciosamente,

Daniela Ferreira de Freitas

Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFCG/CFP/UAE

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Declaro que abordei com a Pesquisadora Daniela Ferreira de Freitas, aluna do Curso de Pedagogia, sobre a minha decisão de participar deste estudo voluntariamente. Ficaram claros, para mim, quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem utilizados e a garantia de confidencialidade.

Cajazeiras/PB, ____/____/2017

Daniela Ferreira de Freitas
Pesquisadora

Assinatura do participante da pesquisa

RG.:

APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTÕES PARA AS ENTREVISTAS

1. Quando e como foi o seu começo como professor (a) da Educação de Jovens e Adultos?
2. Qual a sua formação inicial e como tem sido a sua formação para trabalhar como professor (a) da EJA?
3. A instituição na qual você trabalha promove formação continuada específica para atuar na EJA? Se sim, como tem sido esse processo e como você o avalia?
4. O que motivou você a trabalhar nessa modalidade de ensino?
5. No desenvolvimento das suas atividades docentes, quais as dificuldades enfrentadas por você na Educação de Jovens e Adultos?
6. Como são as suas condições de trabalho? Ou seja, a instituição de ensino em que trabalha oferece suporte físico, didático e formativo para a realização do seu trabalho?
7. Como você lida com as dificuldades que surgem durante o processo de ensino e aprendizagem na EJA? Ou seja, como você faz e o que você faz para superar essas dificuldades?
8. Considerando os problemas que você enfrenta no processo de ensino-aprendizagem, em sua opinião, o que você considera mais difícil de encontrar solução?
9. Como você se sente enquanto profissional que atua na EJA?
10. O que te motiva a continuar trabalhando na Educação de Jovens e Adultos?